UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

N.º 5 — SÃO PAULO - AGÔSTO DE 1953 — ANO I

PROBLEMA DE CULTURA

Algumas pessoas consideram uma manifestação de vaidade e orgulho o fato de não se aceitar Umbanda como Espiritismo. Chegam ao cúmulo de dizer que Umbanda é Espiritismo de pés no chão, como se o Espiritismo pudesse ser Umbanda de fraque e cartola. Essa maneira de ver se confunde com aquela que considera Umbanda como "um degrau da Escada de Jacob do Espiritismo", como "uma província espírita", ou coisa semelhante. Em tôdas essas formas de expressão existe uma confusão, que o espírita consciente dos princípios doutrinários, e portanto dos objetivos da Doutrina dos Espíritos, deve repelir.

Não vemos como nem por que haveria orgulho ou vaidade no fato de se querer cada coisa em seu lugar. O Espiritismo é uma doutrina simples e pura, destituída de grandezas teológicas ou sutilezas metafísicas. Seus livros fundamentais estão ao alcance dos analfabetos, que podem compreendê-los perfeitamente, ouvindo a sua leitura. E' evidente que, apesar dessa simplicidade natural, o Espiritismo se coloca, pelo conjunto dos seus princípios, à altura das maiores escolas filosóficas da Terra. Mas a sua característica fundamental é a simplicidade, a clareza, a pureza de conceitos. Dizer, pois, que existe um Espiritismo de pés no chão, em contraposição a outro, que seria o de fraque e cartola, é não compreender o Espiritismo, é dar um auto-atestado de "analfabetismo" doutrinário.

Os espíritas conscientes não aceitam Umbanda como Espiritismo porque não há motivos para essa mistura, para essa confusão. O Espiritismo é uma doutrina perfeitamente estruturada, definida em todos os seus contornos, com uma admirável história, que a enquadra no panorama cultural do século e que já foi delineada por grandes vultos do pensamento moderno, como o escritor inglês sir Arthur Conan Doyle e Cesare de Vesme, em dois magníficos compêndios, em vias de tradução para a nossa língua. Não se pode tomar uma doutrina assim definida, e històricamente situada, para confundi-la com as manifestações populares de um sincretismo religioso, também já suficientemente definido e situado pelos nossos sociólogos, como Nina Rodrigues, Artur Ramos e Gilberto Freire.

As práticas umbandistas não têm nada a ver com o Espiritismo. Senão, vejamos. No seu livro "Povos primitivos e fenômenos supranormais", Ernesto Bozzano estuda exaustivamente o problema das manifestações mediúnicas entre os selvagens, para remontar à origem das religiões. Contrariando a tese materialista de que a crença em Deus e nos Espíritos nasceu do mêdo, Bozzano demonstra que sòmente o culto religioso, a forma exterior das religiões, portanto, pode ser atribuída ao mêdo, pois a idéia de Deus é inata no homem e a crença nos Espíritos nasceu das próprias manifestações dêstes. Baseia-se êsse trabalho de Bozzano nas pesquisas de dois grandes antropólogos, Andrew Lang e Max Freedon Long, que levaram anos estudando in loco as manifestações mediúnicas das tribos australianas e das ilhas Haway. As manifestações por êles registradas, em tôdas essas tribos, são semelhantes às de Umbanda, com seu ritual, seus cânticos, seus "pontos" riscados e cantados, seu uso de ingredientes e bebidas. Ora, desde que o mundo é mundo, desde que o homem existe na Terra, essas manifestações também existem, como formas rudimentares de expressão do seu psiquismo em desenvolvimento. **Só quem não conhece história e não possui sequer alguns rudimentos de sociologia e antropologia pode ignorar essas coisas e cair em estado de confusão diante de Umbanda.**

Espiritismo não é mediunidade, não é o fato mediúnico em si, não é o fenômeno da comunicação. Espiritismo é doutrina. E como doutrina, êle tem princípios, tem uma estrutura filosófica, é um verdadeiro organismo conceptual em desenvolvimento, crescendo e se ampliando com o correr do tempo, mas nunca voltando à confusão primitiva do mediunismo, pois isto seria a sua própria negação. E' lamentável que a falta de estudo aprofundado do Espiritismo, de compreensão doutrinária, esteja levando tantas pessoas, às vêzes de boa vontade e boa fé, a fazer tremendas confusões entre Espiritismo e Umbanda. O problema levantado por essas pessoas não existe. Os próprios fatos aí estão, na sua gritante evidência, para mostrar que não há possibilidade de confusões em terreno tão claro e conhecido.

Não se trata, pois, de orgulho ou de vaidade, mas de compreensão. Não devemos desprezar, condenar, atacar os umbandistas. Mas também não devemos e não podemos fazer confusões, a título de fraternidade ou de humildade. Os umbandistas são nossos irmãos, suas crenças ou mesmo suas crendices são respeitáveis, pois devemos respeitar tudo aquilo que nascer da simplicidade e da sinceridade. Mas umbandistas são umbandistas e não espíritas, porque espíritas só podem ser aquêles que conhecem o Espiritismo, doutrina com princípios definidos e objetivo claro. Da mesma maneira porque não podemos confundir curandeirismo com medicina, feitiçaria com ocultismo, gíria com gramática, taba com cidade, também não podemos confundir Umbanda, Aruanda, Quimbanda ou quejandas cousas, com Espiritismo.

Na verdade, é doloroso estarmos precisando repisar estas coisas, insistir nestas diferenças. Isto serve para mostrar o grau inferior de cultura espírita em que ainda nos encontramos. No futuro, quando tivermos grandes escolas, faculdades e universidades espíritas, o estudo generalizado da antropologia e da sociologia, nos meios espíritas, nos farão corar à simples lembrança de que houve um tempo em que nossos jornais e revistas se encheram de discussões sôbre um assunto tão claro.

Oração e Vigilância

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

O século XX se caracteriza por dois aspectos opostos mas, não contraditórios, visto como no Plano Divino de Vida não há contradição; tudo é harmonia e tudo concita ao equilíbrio. Os grandes adventos, as manifestações de vulto coletivo são fatôres que impelem a humanidade a compreensão mais profunda da vida, nessa marcha que chamamos **evolução** e que outra coisa não significa senão melhor conhecimento da Vontade de Deus e mais perfeita realização dessa mesma Vontade.

Realmente vemos no século XX as grandes revelações espirituais e as profundas descobertas da ciência, caminhando passo a passo com a confusão, a miséria, a dor, o desequilíbrio psíquico.

Um fenômeno vem para compensar o outro e se auxiliam recìprocamente: a Revelação esclarece o homem e lhe traz mais seguras diretrizes de Vida, impedindo o êrro ou atenuando as dores provenientes dos erros do passado. A dor, por sua vez, amansará o rebelde sentimento de orgulho e de egoísmo que tem caracterizado a humanidade terrena, preparando, assim, o terreno onde deverão germinar as sementes da Verdade que a Revelação propicia ou propiciará.

Se o homem, esclarecido pela Verdade, não vive de acôrdo com tais esclarecimentos, vem logo a dor, fruto insuperável do êrro e da rebeldia e lhe mostra pelos próprios fatos que há necessidade de uma nova tomada de posição e esta não é senão a marcha pelo caminho sugerido pela Verdade.

Representando Jesus a Revelação Divina para o Planêta Terra, podemos asseverar sem mêdo de contradita que, quando o homem não quer aceitar por companhia os braços de Jesus, aceitará, sem apelos, os braços da dor. De uma ou de outra forma, na realidade, todos nós estamos evoluindo, porque a Evolução é lei básica da Criação e, como tal, se cumpre com ou sem a aquiescência e conhecimento do homem.

O momento, pois, é de profunda contradição aparente, ou de extremos opostos, o que gera desequilíbrio e confusão nos espíritos menos prevenidos ou menos esclarecidos. Daí a oportunidade, mais que nunca, manifesta da advertência evangélica acêrca da oração e da vigilância.

Pela oração que é irradiação íntima da criatura para o Criador, abrimos janelas de luz em nossos sentimentos, e, por essas janelas de luz penetram os pensamentos e os sentimentos dos Espíritos também de luz, que, em nome do Pai ou do Mestre respondem ao nosso apêlo e tonificam nossos mais alevantados propósitos de mais saber para melhor servir.

Essa luz que de nós se irradia pela oração, vai, porém, excitar as trevas em nosso derredor, e as fôrças que aí habitam, não tendo senão repulsa pela luz, procuram então anular aquelas vibrações elevadas.

Como pela caridade do conhecimento e do sentimento puro elas não podem entrar, procuram entrada pelas janelas escuras de nossos próprios defeitos e assim, se conseguiram penetrar, misturarão, dentro de nós, a sua treva com a luz que recebemos das fontes mais evoluídas, anulando-a em detrimento de nós mesmos, que anularemos, assim, pela falta de vigilância, o bem que a oração nos proporcionará.

Tendo o pensamento a fôrça do espírito, é preciso que irradiemos sempre no Bem, abrindo janelas de luz e fechando as janelas de nossas virtudes negativas.

E' exatamente por não sabermos vigiar a nós mesmos, que, muitas vêzes concluímos falsamente pela inutilidade de nossas preces.

Tenhamos, pois, coragem moral de estudar a nós mesmos, a fim de aquilatarmos, com relativa precisão acêrca de nossas possibilidades de evolução e dos nossos perigos de estagnação nos velhos vícios psíquicos das encarnações passadas.

E, se não procedermos dessa forma, a confusão penetrará também dentro de nós, pois, se incontestàvelmente estamos vivendo a grande época do Espírito Consolador, também não é menos verdade que, como já foi profetizado, nessa mesma época surgirão os grandes falsos profetas que poderão desorientar até mesmo os escolhidos ou os esclarecidos.

Eis por que os mentores espirituais têm insistido na tecla da oração e da vigilância.

BENEFICÊNCIA

Em verdade, não podemos olvidar sem dano a beneficência que ampara o enfêrmo e alimenta o faminto; entretanto, é imprescindível não esquecer a personalidade no serviço assistencial em que nos cabe forjar o aprimoramento próprio. Não a hipertrofia de confôrto pessoal que incentive em nós o orgulho desvairado e a desmedida ambição com que pretendemos senhorear os benefícios da Terra, mas aquela caridade da educação a nós mesmos, a fim de que a luz de nossa fé não se reduza à artificiosa chama de palavras.

Realmente, as casas de fraternidade, embora quase sempre em regime de exclusivismo, nunca foram totalmente olvidadas pelos discípulos do Evangelho.

Desde as primitivas organizações apostólicas até hoje, o socorro aos necessitados, sob a inspiração de Jesus, caminha no mundo, passo a passo...

Mas o homem — coluna básica do organismo social — ainda agora repousa no pó da ignorância e na cinza de pavorosas desilusões.

Tendes o supérfluo e sofreis fome.

Aperfeiçoastes o direito e gemeis sob o cancro da guerra.

Monumentalizastes a cultura e respirais a miséria do Espírito.

Intensificastes a comunicação entre os povos através do noticiário sem fio e nunca estivestes tão infinitamente separados uns dos outros.

Avançastes no conhecimento científico para a extensão da alegria de viver e permaneceis atolados no desespêro e na violência.

Inventastes máquinas de variada espécie que acentuam o confôrto da civilização; entretanto, jamais padecestes, como atualmente, tanto tédio no glorioso espetáculo da vida planetária que vos cerca.

E' que o homem de hoje, com maiores requintes que o homem de ontem, mais se aconselha com as vísceras que com a própria razão, acelerando, por isso, a corrida de si mesmo para o desencanto e para a morte.

Não nos despreocupemos, assim, da caridade que nos induz ao serviço infatigável no bem, com a renúncia às nossas velhas imperfeições.

Consagremo-nos à beneficência que nos faça melhores, pelo sacrifício de nós mesmos, a benefício de nossos semelhantes.

Distribuamos as vantagens que estejamos detendo, transitòriamente, no mundo, como fiéis servidores e usufrutuários dos bens divinos, mas não nos esqueçamos de que só o aprimoramento de nossa própria individualidade, com a sublimação dos nossos sentimentos, pode soerguer a vida terrestre aos altos níveis que lhe compete atingir.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na reunião pública da noite de 10-7-53, em Pedro Leopoldo).

O Livro dos Espíritos

e sua

Tradição Histórica e Lendária

Lembramos aos prezados leitores do nosso folhetim, que, ao contrário do que muitos estão supondo, as personagens e os fatos aí descritos são "históricos" e não "fictícios". Trata-se verdadeiramente duma "tradição histórica", haurida nos Arquivos do Espiritismo em Paris e não dum romance inventado pelo nosso Confrade CANUTO ABREU. A forma romanceada lhe foi imposta por várias circunstâncias, que constam pormenorizadamente do prefácio do livro, dentre as quais destacamos o objetivo da obra: mostrar à Mocidade Espírita, sobretudo feminina, o relevante papel da Juventude, principalmente da Mulher, na inauguração, elaboração e implantação do Espiritismo. E a mentalidade moça dos nossos dias prefere naturalmente a descrição novelesca ao relatório sêco, insípido, prolixo e monótono ao mesmo tempo, dos historiadores catedráticos.

Lembramos ainda que KARDEC tinha profundo interêsse no trabalho sôbre o histórico do Espiritismo. A respeito dêste assunto assim se expressou êle numa mensagem mediúnica sua dada em novembro de 1869:

— "Quando eu me achava corporalmente entre vós, disse muitas vêzes que havia de fazer aí uma história do Espiritismo, que não seria destituída de interêsse. E' êste, ainda agora, o meu parecer e os elementos que eu reunira para êsse fim poderão servir um dia à realização da minha idéia".

Êsses documentos desapareceram durante a última guerra; mas dêles o Sr. CANUTO ABREU conseguiu cópias diretas, na França, quando lá estêve, em 1922. E' êsse, sem tirar nem pôr, o trabalho que ora está sendo revelado ao mundo espírita, com pormenores talvez de ninguém conhecidos.

Ao autor apraz qualquer crítica, pró ou contra, à sua descrição histórica e lendária da Terceira Revelação.

(Nota da Redação)

Características da III Revelação

J. HERCULANO PIRES

Kardec recebeu o Espiritismo como uma seqüência histórica e profética do Cristianismo. A seqüência histórica revela-se no desenvolvimento natural dos princípios espíritas a sua continuidade. O Espiritismo é a continuação do Cristianismo, no plano individual e no plano social. A seqüência profética está no cumprimento da profecia do Consolador, bem como na continuação do profetismo, através da mediunidade.

Como continuação do Cristianismo no plano individual, o Espiritismo é substancialmente evangélico. Por isso, Kardec já dizia que o verdadeiro espírita se conhece pela sua transformação moral. Função do Espiritismo é transformar o homem, arrancá-lo dos instintos primitivos, da animalidade rudimentar, e elevá-lo às luzes da espiritualidade consciente e voluntária. Todo espírita consciente, como ensinava Paulo aos cristãos primitivos, deve oferecer a Deus o sacrifício vivo do seu próprio corpo, da sua própria vida, numa transubstanciação evangélica de todo o seu ser, pela fé e pelo amor, "num culto racional".

No plano social, o Espiritismo continua a desenvolver o trabalho reformador do Cristianismo. Lembremo-nos de que Cristo revolucionou o mundo, começando pela reforma dos hábitos sociais e das idéias religiosas do seu povo. Se, mais tarde, os homens voltam atrás, escravizando-se de novo à carne, ou seja, aos velhos hábitos da era pré-cristã, ao invés de avançarem na direção do espírito, ou da libertação espiritual, isso não tem maior importância, porque já estava previsto. O próprio Cristo previu e anunciou essa volta, êsse retrocesso, que no tempo oportuno, entretanto, seria esclarecido e superado, pelo advento do Consolador. A êste caberia lembrar de novo os ensinos do Cristo e restabelecê-los, ampliando-os de acôrdo com os novos tempos. O trabalho social do Espiritismo é portanto libertador, como o foi o do Cristo. Sua função é libertar a sociedade dos erros seculares, da ganância, da violência, do ódio e da superstição.

Se o Espiritismo retrogradasse, como fêz o Cristianismo primitivo, "sujeitando-se de novo à carne", como dizia Paulo, a obra do Cristo estaria ameaçada na terra. A história nos mostra como se deu o retrocesso do Cristianismo primitivo. Ao invés de aceitar "o espírito de liberdade" pregado pelo Cristo, as comunidades cristãs dos fins do terceiro século e princípios do quarto começaram a se enamorar do culto externo, voltando à "sujeição da lei" e portanto à escravidão. Em lugar de adorarem a Deus "em espírito e verdade", reconstruiram os velhos templos, esculpiram novas imagens, restabeleceram antigos rituais, criaram um novo farisaísmo. Basta, hoje, que o Espiritismo aceite a introdução de qualquer forma de culto exterior, de ritual, de formalismos, em seu movimento, para estar ameaçado de cair no mesmo êrro, de deslizar pelo mesmo declive do Cristianismo primitivo.

A idéia de Deus, na sua pureza essencial; a lembrança do Cristo, na sua figura livre e pura, de pés no chão, túnica ao vento, cabelos soltos nos ômbros, mãos estendidas para a bênção do passe; e o princípio da liberdade, "sem o qual não existe o espírito do Senhor", — para ainda citarmos Paulo, — são as características renovadoras do Espiritismo. Se substituirmos êstes princípios essenciais pelas formas grosseiras do animismo rudimentar, voltando à superstição do culto externo, das fórmulas sacramentais, dos exorcismos, das defumações e coisas semelhantes, estaremos traindo o Espiritismo e negando o Espírito do Cristianismo.

A simples designação de III Revelação devia bastar para nos lembrar que o Espiritismo não pode ser confundido com superstições primitivas. Houve a I Revelação, com Moisés e os Profetas, e ela mesma trazia o anúncio da II, com o advento do Messias. Veio depois a II Revelação, seqüência histórica e profética da I, e ela mesma nos trouxe o anúncio da III, que se daria com o advento do Consolador. Vem agora esta última, a III Revelação, e não traz qualquer anúncio de outra, mas, pelo contrário, nos informa que a humanidade já atingiu uma fase em que não precisa mais das revelações individuais e locais. Por isso, não houve nem haverá quarta ou quinta revelação. A III Revelação já traz em si os germes do seu próprio desenvolvimento, é progressiva e não estática, dinâmica, ampliando-se pelos tempos afora. No seu desenvolvimento, ela terá de libertar o homem e o mundo, para que a Terra se eleve no plano universal, passando de planêta de expiação a mundo de regeneração.

6.a SEMANA ESPÍRITA DE TAUBATÉ

Taubaté, sede da 4.ª Região Espírita, realizou, com grande entusiasmo, a 6.ª Semana Espírita, de 26 de julho a 2 de agôsto.

De iniciativa da UME local, presidida pelo confrade Edwardo Teixeira, a primeira atividade da Semana foi a "Campanha do Quilo", a cargo da Legião da Caridade "Francisco de Assis".

Os confrades taubatianos demonstraram grande experiência social, estendendo o vasto programa da Semana, literalmente cumprido, a todos os setores da importante cidade do Vale do Paraíba.

Dêsse programa destacamos, para dar uma idéia de sua expressão, o seguinte:

Visitas: ao Instituto Adolfo Lutz, aos Exmos. Srs. Juiz de Direito e Prefeito Municipal, ao Comando do 5.º B.C. da Fôrça Pública, à Sociedade Taubatiana de Ensino, à Biblioteca "Oscar do Amaral", ao Serviço Nacional de Aprendizagem (Senai), à Redação do diário "A Tribuna", à Associação Valeparaibana de Imprensa e à Rádio Difusora de Taubaté.

Conferências: Legítimos valores do Espiritismo bandeirante ocuparam a tribuna da brilhante Semana, que se orientou pelos métodos da USE, no que deve ser imitada pelas outras UMES para o bem da unificação estadual. Foram oradores, dentre outros, os distintos confrades Francisco Carlos de Castro Neves, Luiz Monteiro de Barros e José Herculano Pires, todos da Diretoria Executiva da USE.

Instalação: Foi instalado o Núcleo da Cruzada dos Militares Espíritas de Taubaté, com a presença de inúmeros oficiais: General Mario Travassos, Cel. José Ribamar de Miranda, Cap. Jaime Rosemberg Lima, Cap. José Alves de Brito e Cap. Arnaldo Regis. Coube, nesse dia, a tribuna ao ilustre Cel. Benjamin Cabelos Bidar, Ajudante do Comand. da 2.ª Região Militar, que falou sôbre o tema: "O Militar em face da Doutrina Espírita".

Confraternização: O Vale do Paraíba deu um belo exemplo de confraternização. Estêve representado na Semana Espírita de Taubaté, sua sede regional, como um expressivo testemunho do movimento de confraternização.

"UNIFICAÇÃO" congratula-se com a UME de Taubaté pela eloqüente demonstração de maturidade espírita social e de exemplificação dos princípios preconizados pela USE.

Causas e Efeitos

VINICIUS

A cada um será dado segundo as suas obras — é uma sentença mediante a qual o Mestre Excelso nos fornece a chave para solucionar todos os nossos problemas.

Não é fora de nós, mas em nós mesmos é que se encontram as causas determinantes de todos os efeitos que nos atingem. Se êstes são desagradáveis ou penosos estão atestando que nossas obras não são, ou não foram boas.

Tratando-se do presente, será bastante modificarmos nossa conduta atual para que se alterem as nossas condições. Se, porém, êsses efeitos reportam-se a causas passadas, cumpre suportá-los com bom ânimo até que se restabeleça o ritmo que, em tempo, foi quebrado pela nossa conduta irregular ou delituosa.

Não há efeito sem causa — reza um sábio aforismo já comprovado. Porisso, se o nosso procedimento na atualidade não justifica as vicissitudes por que estamos passando, devemos aceitá-los como fruto de um pretérito por onde transitamos conforme demonstram as conseqüências que ora nos afetam.

De tal dilema não há fugir. Outrossim, deduzimos do mesmo, que já éramos o que somos antes de iniciarmos a existência em curso, de vez que os resíduos de outras eras acham-se acamados em nosso subconsciente, manifestando-se de modo inequívoco nos dias de hoje. A preexistência da alma confirma a sua subexistência após a morte do corpo.

Tais ilações defluem clara e naturalmente da frase evangélica em aprêço. São conclusões lógicas e concludentes para os que têm olhos de ver. E' luz espargindo claridade sôbre a senda do Destino, de modo que o homem possa percorrê-lo sem embaraços nem tropeços.

E' lastimável que os credos cristãos não ponham em destaque tão sábio apotegma, através dos seus sacerdotes e ministros. Fazer com que os homens se compenetrem de que as suas obras respondem pelas suas condições dêste momento e pelo futuro que os espera, é mostrar-lhes o caminho da redenção; é fazer luz sôbre as sombras escuras que os envolvem e confundem. Nenhum bem maior nos é dado proporcionar ao nosso próximo de que instruí-lo nesse particular, convidando-o a observar-se a si mesmo, sondando as profundezas de sua alma, onde encontrará, por certo, as provas da assertiva em aprêço.

Por que será, insistimos, que as religiões ditas cristãs, pelos seus líderes, não chamam a atenção dos fiéis para tão magno assunto? Será, acaso, porque semelhante conhecimento liberta os crentes de tutelas e custódias, visto como os torna cientes de que dêles próprios, e não de terceiros, é que depende a sua felicidade, tanto neste, como no outro plano da vida?

Invoquemos, nós outros, aquelas sábias palavras do Verbo Divino diante dos nossos problemas angustiosos, aparentemente insolúveis. Elas os resolverão de modo satisfatório.

Base Teórica das Curas Espíritas

Ary Lex

Como conseqüência do incremento das práticas espíritas e da individualização de uma verdadeira terapêutica mediúnica, freqüentemente os espíritas se defrontam com uma série de interpelações, muito naturais, porém muito difíceis de serem respondidas, dada a escassez dos nosso conhecimentos nesse terreno. Tais perguntas são feitas por pessoas cultas, conhecedoras das ciências físicas e biológicas, as quais supõem virem as curas magnéticas e espíritas derrogar as leis do mundo material. Acostumados como estão os materialistas a enquadrar todos os fatos dentro das fronteiras daquele conhecimento humano já sedimentado e tornado clássico, nada admitem que ultrapasse tais limites. Tal conduta dos céticos não nos deve surpreender. Nêles está tão arraigado o processo científico materialista, com seus processos habituais, que não lhes é possível admitirem que estejam de posse de apenas uma parcela da verdade. Consideram, porisso, como inexistentes os fenômenos que fujam à aplicação de seus métodos.

Se estudarmos a possibilidade da ação curadora dos passes espíritas, verificaremos que o seu mecanismo de ação não deve, em sua essência, ser diferente dos outros processos de tratamento.

Em Medicina, são empregados os raios X, a eletricidade, os vários tipos de radiações e até a sugestão (Psicoterapia), para a cura de enfermidades orgânicas e nervosas, com resultados magníficos. Todos êsses são processos em que usamos um meio imponderável e muitas vêzes de dosagem impossível, para determinar no corpo doente modificações funcionais e orgânicas. Sem administrar droga alguma, sem introduzir no corpo do doente substância alguma, sem o mínimo contato, podemos estimular ou inibir funções, determinar a parada do desenvolvimento de células, ou estimular grandemente seu crescimento. Ainda sem ser por meio de drogas, consegue-se a destruição, pela radioterapia, de terríveis cânceres infiltrativos; as radiações promovem alterações tão profundas nas células cancerosas, que elas morrem, realizando-se, nesses casos, a cura do mal.

Como vemos, hoje muitas moléstias são curadas por meio de radiações ou vibrações eletro-magnéticas. A sugestão e a hipnose já entraram para a terapêutica, adquirindo indicação em certas moléstias mentais. Dessa situação à admissão da influência dos passes magnéticos ou espíritas, medeia distância curtíssima.

Em todos os processos de cura, seu mecanismo íntimo continua uma incógnita. Por que os raios vão atacar só determinadas células? Que modificações nelas determinam? Como os antibióticos destroem os germes? Enfim, há ainda inúmeras questões desconhecidas ou pouco conhecidas no campo da terapêutica habitual. Não é justo, pois, aceitarmos sem maiores exigências todos êsses fatos, como o fazem os materialistas, e recusarmos peremptòriamente aquêles relativos aos poderes do Espírito.

Na superfície da Terra, tôda a vida está sujeita às leis da eletricidade e do magnetismo. Todos os fenômenos vitais se dão com a intervenção de equilíbrios e desequilíbrios elétricos, colóido-elétricos e eletro-magnéticos. As menores manifestações biológicas só são possíveis por meio de modificações no potencial elétrico ou na agregação e desagregação de partículas dotadas de cargas elétricas.

Um olhar sôbre o conjunto dêsses fatos capacita-nos de que, na Biologia, na Fisiologia e na Terapêutica, a grande maioria dos fenômenos, desde os mais simples aos mais complexos, é regulada por leis eletro-magnéticas. Ainda mais, em qualquer ciência, é fato corriqueiro o emprêgo de processos energéticos, imponderáveis, para produzir modificações em corpos materiais. Todo o emprêgo da eletricidade nisso se resume. E' ela uma coisa invisível, imponderável, vinda por um fio fino, e faz, não obstante, moverem-se máquinas de várias toneladas.

Na Psicoterapia, vemos influxos nervosos, partidos do cérebro, determinarem melhoria funcional nítida, em vasos, músculos ou vísceras. Hoje, a Medicina psicossomática admite mesmo modificações materiais no corpo causadas por alterações mentais. Não é pois absurdo ou anticientífico aceitarmos que vibrações partidas de um vivo (passe magnético) ou de um Espírito (passe espírita) possa determinar melhoria ou mesmo cura de moléstias.

Secção da Mocidade Espírita

A 1.ª Prévia do 2.º Congresso Estadual de Mocidades

ELZA MAZZONETTO MACHADO

Realizou-se no dia 23 de agôsto de 1953, às 15,30 hs. no salão da Federação Espírita, a 1.ª reunião prévia do 2.º Congresso de Mocidades Espíritas do Estado de S. Paulo.

Compareceu à reunião cêrca de uma centena de moços representando as Mocidades "3 de Outubro", "Bosque - Vila Mariana", "LAPPA", "UMESP", "Lameira de Andrade", tôdas da Capital e a U.M.E. de S. André, do subúrbio.

Outras Mocidades componentes da 1.ª zona não compareceram, naturalmente por motivos imperiosos, pois em tempo suficiente, com propagandas, noticiários, circulares e cartas, foram convocadas.

Conforme o noticiado a reunião se constituiu do seguinte temário: 1.º) — DOUTRINA: a) Posição do moço espírita em face das controvérsias doutrinárias; b) A ação do moço espírita: sua reforma moral, de acôrdo com os princípios doutrinários; c) Constituição de cursos de doutrina nos meios juvenis, e d) Formação doutrinária das Mocidades. 2.º) — ORGANIZAÇÃO: a) Administração: departamento e serviços gerais. 3.º — ARREGIMENTAÇÃO: a) Do moço: meios possíveis; b) Das Mocidades: forma ideal. 4.º) — PUBLICIDADE: a) Jornal, rádio, folhetos, etc.; b) Reuniões, palestras, etc. 5.º) — ASSISTÊNCIA: a) Trabalho possível, com o concurso ou através das Mocidades. Ao correr do programa desenvolveu-se também variada parte artística.

Sugestões sôbre todos os itens foram colhidas; deixamos de publicá-las, pois que futuramente um resumo geral de tôdas as prévias será publicado e encaminhado a tôdas as Mocidades.

Embora não tivesse a reunião aquêle entusiasmo próprio dos moços, não podemos deixar de anotar o grande interêsse sôbre os problemas apresentados por parte de todos.

Já anteriormente se falara da necessidade e utilidade do intercâmbio entre os moços espíritas, da conjugação de esforços entre si, das visitas, etc., para a concretização do ideal de tôdas as Mocidades, qual seja o de progredir sempre.

Os tempos são chegados, e a voz do moço se faz sentir em tôdas as partes, numa colaboração valiosa à formação de uma mentalidade nova, orientada pelos princípios rendentores da 3.ª Revelação.

Portanto a realização dêste 2.º Congresso será mais um grande passo para a concretização da Unificação Nacional, como mais um marco na história do Espiritismo Brasileiro.

A 1.ª prévia fôra realizada e mais 14 estão programadas, permitindo dessa forma que os moços e jovens venham para êsse certâmen de 22 a 25 de janeiro próximo com decisões maduramente estudadas.

O moço espírita, pelo ideal que alimenta, pela cooperação que tem dado às grandes realizações, pelo esfôrço que tem emprestado à renovação dos princípios, na formação de uma mentalidade sadia e cristã, tudo fará para o bom êxito dêsse Congresso.

* * *

1.ª Reunião Prévia do Congresso Estadual da Mocidade Espírita

Com a presença das Mocidades Espíritas da capital e subúrbio, êste departamento fêz realizar no dia 23 de agôsto a 1.ª reunião prévia do próximo Congresso Estadual.

A reunião, que foi realizada no salão da Federação Espírita, consistiu de parte artística variada e registro de sugestões para assunto do temário. As idéias apresentadas pelos moços espíritas versaram sôbre assuntos importantes relativos a organização, publicidade, arregimentação, etc.

As próximas reuniões prévias serão realizadas no Interior, conforme datas e locais publicados no número de julho dêste jornal. Do trabalho idealista das mocidades dependerá o êxito do futuro Congresso, que também será uma reunião de confraternização.

PROGRAMA DE MOCIDADES

Pedimos às Mocidades do Estado de São Paulo nos enviarem seus programas semanais (hora e local) para publicação nesta coluna.

MOCIDADE ESPÍRITA DE MATÃO
Rua Rui Barbosa, 675 — Matão

6.ª feira — Às 20 hs. — Reunião de estudo.
Domingo — Às 14,30 hs. — Reunião social. Obra social: Lar "Caibar Schutel" para crianças.

VIDA ESPERANTISTA

O "Há dois mil anos" na Holanda

Como os leitores já o devem saber — e no nosso penúltimo número demos a notícia — o supracitado livro de Emanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier, foi, há tempos já, traduzido para o Esperanto. Agora o "Heroldo de Esperanto", jornal que se edita na Holanda e tem larga divulgação mundial, publicou longa e criteriosa apreciação a respeito não só da obra, mas também da tradução. Termina o autor do artigo por confessar que se "trata de uma obra incomum e extraordinária".

Se não fôsse o Esperanto, quando poderia a obra de Emanuel ser entendida e estimada na Holanda?

Estamos todos de parabens: Espíritas e Esperantistas.

PIO XII E O ESPERANTO

Aqui no Brasil, como é notório, realizaram-se diversos Congressos Esperantistas, para mais de dez.

Fato curioso — conquanto sem maior importância — se deu quando da realização do XIII Congresso levado a efeito em Recife, Estado de Pernambuco. Teve êle na presidência ao Padre Francisco de Barros Leal, da Sociedade de Jesus, e na vice-presidência ao nosso Confrade Ismael Gomes Braga, sobejamente conhecido nos arraiais espiríticos.

Ambos deram-se bem e confraternizaram-se em todos os debates, porque não se cogitou de Religião. O escôpo único daquele Congresso era o estudo de cousas relativas ao Esperanto. Nada mais interessava aos Congressistas senão o idioma de Zamenhof.

Digno de nota é o que se está passando agora com Pio XII, que, conhecendo oito línguas, estuda, conforme informação do "Esperanto Lernejo", que se publica na França, o Esperanto para poder receber nos próximos Congressos Internacionais — segundo declarações do próprio Papa — os Congressistas em... Esperanto.

AINDA RICHET E O ESPERANTO

Richet, segundo se depreende de suas mesmas palavras, foi Esperantista. Vimos no nosso último número como êle se expressou a respeito da Língua de Zamenhof.

Para falarmos corretamente uma Língua estranha — confessou o pai da Metapsíquica — como o francês, o inglês, o alemão, o espanhol ou o italiano, são necessários pelo menos dois meses, com duas horas por dia, no mínimo, de cerrado estudo.

Estabelece Richet a diferença: enquanto são precisas 1.400 horas para a aprendizagem de uma Língua estrangeira, 100 horas bastam para o Esperanto!

Um neerlandês que quisesse aprender o francês, o inglês e o alemão, teria que dispor de 4.000 horas contra as 100 do Esperanto. O esfôrço despendido varia portanto de 1 a 40.

E' certo que o Esperanto não apresentará nenhuma importância se ninguém o falar. E' como o telefone na casa de um cidadão que não tivesse a quem telefonar. Não passaria de objeto de ornamento. Mas se houvesse um milhão de pessoas com telefone, a utilidade dêste seria então incomparável.

Émile Boirac, o ilustre psiquista, conhecia Esperanto e o ensinou à espôsa, aos filhos e aos criados. O seu entusiasmo era tanto, que vivia pegando nas ruas de Dijon, simples vilarejo da França, deus e todo o mundo para aprender o Esperanto, pelo que havia lá mais Esperantistas que nas grandes cidades como Lyon, Marselha e em Paris até.

Alegam alguns contraditores — estamos ainda resumindo Richet — que a adoção do Esperanto prejudica o estudo da Língua materna de cada um. E' engano, porque se o Esperanto não tem — como o tem o francês — beleza, tem facilidade e utilidade, que é o que nos interessa em qualquer parte do mundo! Não se cuida de preterir — o que seria demência — a Língua de Voltaire, a de Goethe ,a de Dante ,a de Cervantes, a de Shakespeare — e a de Camões, ajuntamos nós. Fique cada um com a sua Língua ou as suas Línguas, mas estudemos o Esperanto, porque é Língua que se falará no mundo inteiro.

Sub-Dept.º de Esperanto.

O Livro dos Espíritos

e sua

Tradição Histórica e Lendária

(Continuação) (1)

CANUTO ABREU

III

QUANDO À TARDE ALLAN KARDEC chegou à Livraria DENTU, o gerente CLÉMENT o abraçou, visivelmente satisfeito, e disse-lhe:

— Já desmanchamos o segundo pacote. Venderam-se mais de cinqüenta volumes até agora, fora os que dei de presente como propaganda. DU POTET, o Barão em pessoa, carregou dois exemplares e perguntou-me com interêsse quem era o autor. Antes de saber êle lá em cima na certa, acabei dando-lhe eu mesmo o seu nome e endereço Está claro que revelei só o nome de guerra com que Você é conhecido na "Sociedade Mesmeriana".

— H. DENISART, então?

— Justo. Não me leve a mal se fui meio indiscreto.

— Fêz bem, meu caro. Era mesmo meu intento enviar um exemplar ao Barão. Apenas pretendia fazê-lo com o pseudônimo de "Allan Kardec".

— Tive em mente o reclamo que êle poderá fazer d'O LIVRO no "Journal du Magnétisme", agora em nova fase depois da briga, e todo consagrado ao "Spiritualisme".

— Fico-lhe grato pela intenção. Certamente haveremos de ter adeptos entre os Magnetistas, principalmente os da nova escola do Barão.

— Sabe? George SAND surgiu hoje por aqui. Vinha da "Comédie Française", onde reservou bilhete para à noite, e procurava um "Madame Bovary" em encadernação de luxo para presente. Fiz questão de dar-lhe também um exemplar d'O LIVRO. Após rápida inspeção da obra, lendo alguns trechos ao acaso sem separar as fôlhas, quis adquirir outro exemplar para enviar a Victor HUGO.

— A Victor HUGO?

— Exato, ao nosso grande poeta exilado. SAND garantiu-me que a Mesa Falante o convertera há quatro anos, desde que surgiu entre nós. E HUGO lhe tem escrito páginas e páginas com pensamentos e versos de poetas e escritores mortos, recebidos pela mesa.

— Um poeta genial como HUGO não poderia repudiar a teoria espírita, que explica as inspirações. Aliás sua lira sempre foi fundamentalmente espiritualista. Tornar-se-á doravante um dos nossos?

— Fatalmente!

— Sabe que LAMARTINE também é crente?

— Sei, sim. DELAACE, que o freqüenta, mo confirmou. Eu poderia citar-lhe uma vintena de poetas e romancistas de alta classe, que passam por aqui, como BANVILLE e DUMAS, que são tão "Spiritualistes" quanto nós.

— Como se vê, o Mundo gira mais depressa do que pensa LE VERRIER. Estamos no limiar de Era Nova, meu caro. Os missionários se acham na Terra, por tôda a parte.

— Se estão!

— Obrigado por tudo, CLÉMENT. Estaremos juntos hoje à noite? Receberei alguns convidados.

— Com certeza, salvo contratempo em casa.

— Leve a Senhora.

— Ficará contentíssima. Então é quase certo irmos. Ela já principiou a ler O LIVRO, que levei para a casa à hora do almôço.

— Almoça em casa?

— Hoje excepcionalmente, por causa d'O LIVRO.

— O Senhor DENTU está lá em cima?

— Não, mas virá logo. Suba, Professor. A Viúva já o viu cá em baixo e terá prazer em falar-lhe um pouco sôbre O LIVRO, nossa novidade do dia.

* * *

RIVAIL GALGOU A ESCADINHA dos fundos e na sobreloja foi acolhido por Mélanie afàvelmente:

— Congratulações, Professor. Queira sentar-se.

— Obrigado, Madame. Já soube da ausência do Senhor DENTU. Subi para cumprimentá-la e agradecer-lhe seus obséquios.

— Cumprimos a obrigação. Gostou do trabalho gráfico? Confesso-lhe: A mim não me agradou nada. Mas apressamos tanto e a tipografia é de segunda ordem.

— Na realidade o trabalho gráfico não está impecável. Não se trata porém duma edição de luxo para apreciadores ricos e sim dum livro para vulgarização duma nova doutrina. A propósito, Madame: — Não acha 3 francos um preço demasiado alto para uma brochura de 180 páginas e mal impressa, como a Senhora foi a primeira a reconhecer?

— Não, na atualidade. Êsse preço foi objeto de ponderações entre Edou, CLÉMENT e eu. A impressão tipográfica em duas colunas encarece um pouco a obra, e a tiragem foi pequena. Quer ver seu borderô?

E, antes duma resposta, ordenou a Adrien, que trabalhava perto, lhe trouxesse o dossiê da Tipografia DE BEAU.

— Não se dê essa trabalheira, Madame. Basta dizer-me as razões. O preço pareceu-me exagerado em face do pequeno número de páginas e em comparação com o de minha "Gramática Francesa Clássica", de duzentas e oitenta páginas in 12, que se vende a 1 franco e 50 centavos, e de minha "Gramática Normal", de quase trezentas páginas e cheia de gráficos, vendida a 2 francos.

— Edição antiga, pois não?

— A "Gramática Normal" é recente, de cêrca de seis meses, em 2.ª edição. A outra já tem uns dois anos.

O dossiê pedido veio às mãos da Viúva. Abrindo-o diante de RIVAIL, ela lhe apontou algumas das cifras, dizendo:

— Veja: Papel, 65 fr. por 100 kg, com 5% de desconto. Parte impressa em corpo 10 entrelinhado, 40 fr.; em corpo 8, desentrelinhado, 52 fr. Matéria em duas colunas, mais 10%. Aqui em baixo está um cômputo feito a lápis por mim: Cada fôlha de 16 páginas in 8.º lhe ficou em 31 fr. 65. Calculados 20% de comissão aos distribuidores e nossa porcentagem combinada de 30%, teremos que, para cobrir tôdas as despesas, perdas eventuais de volumes estragados ou doados, algum reclamo pelas gazetas, e ainda lhe sobrar uma compensação autoral razoável, o preço de 3 francos não é exagerado. Se fôr feliz, como espero, o Senhor terá afinal um lucro de 600 a 700 francos.

— De acôrdo. Queira porém não ter em conta meu lucro se, para mais rápido escoamento desta edição, que é um ensaio, fôr preciso aumentar a quota dos distribuidores para 25 ou 30%, e a do reclamo. Não viso a nenhuma vantagem pecuniária com essa obra, nem com a outra em elaboração.

— Vamos ter breve outra no mesmo gênero, Professor?

— Sim, Madame. Pretendo lançar breve um "Suplemento", com instruções novas e completivas dos Espíritos e meus comentários em maior extensão. Já está quase ultimado.

— Pois queira trazê-lo a nós, se isso lhe agradar.

— Prometo-lhe, Madame. Era aliás minha intenção.

E levantando-se:

— Peço-lhe permissão para ir andando. Verei amanhã o Senhor DENTU.

— Não tenha pressa de ir, Professor. Não estou atarefada neste instante e Edou não deve tardar. Saiu de propósito para inscrever O LIVRO. Êle quis tratar pessoalmente dêsse caso, a fim de evitar mal-entendido na Censura.

— Mas, depois do exame prévio ainda há que temer a Censura, Madame?

(1) Vejam-se desde o primeiro os números anteriores de "Unificação".

Secção da CRIANÇA

PROF.ª LUIZA PESSANHA CAMARGO BRANCO

Recebi uma carta das crianças da UDE "Lameira de Andrade". Acreditem que muito me alegrou essa carta cheia de bonitas e úteis sugestões. Quando o nosso jornal "UNIFICAÇÃO" puder dar à **Secção da Criança** um espaço maior, então iremos realizando tudo, e muito mais, do que ali está.

Quanto a prêmios, acho tão justo que assim seja que já tenho livros muito bonitos para isso, e prêmios de outras qualidades. Mas, vamos devagar: as crianças correm e não se cansam ou, se cansam, logo passa a canseira. Nós, porém, que já corremos muito, agora temos que só andar sem correr: esperem por nós.

Assim mesmo, em novembro dêste ano, teremos uma reunião de todos os correspondentes da Secção da Criança. Os que moram no Interior e no Litoral, e que não puderem vir, virão por meio de cartas ou representadas por algum confrade que para isso se ofereça. Dêsse modo prepararemos o dia de Natal que será um dia de confraternização de todos os colaboradores da nossa Secção. Colaboradores são todos os que escrevem, mandam sugestões, decifram charadas, respondem a perguntas, dão sua opinião. O principal é que todos me escrevam, porque é o modo que temos para nos conhecermos e nos querermos bem.

Receberei respostas para contar pontos até as decifrações do n.° 5 de "UNIFICAÇÃO" e no n.° de novembro serão publicados todos os resultados.

Cada um de vocês já tem, aqui, a sua ficha com o nome, idade, residência e pontos obtidos.

Em dezembro haverá a festa das Crianças com representações, cantos, comédias... balas e a distribuição dos prêmios. Está bem, assim?

Que Deus abençoe a tôdas as crianças que estão colaborando e àquelas que ainda têm que vir e a tôdas as que não podem ler o UNIFICAÇÃO, mas a quem Jesus ama e há de chamar para nós.

Por hoje vamos decifrar mais algumas charadas e responder uma pergunta. Como já vocês estão mestres em charadas auxiliares, vamos ver outras:

Vamos ver se arrumamos uns nomes e uns acontecimentos que estão todos embaralhados:

1 — JESUS — escreveu um dos Evangelhos
2 — JOÃO — entregou Jesus aos judeus
3 — ANA — viu Jesus, ressuscitado, no horto
4 — PAULO — andou sempre em companhia de Jesus
5 — PEDRO — batizou Jesus, no Jordão
6 — MARIA — só acreditou na ressurreição de Jesus depois que pôs o dedo na ferida do lado do Mestre
7 — MADALENA — era a mãe de Maria de Nazaré
8 — TOMÉ — foi crucificado
9 — JUDAS ISCARIOTES — não conheceu Jesus encarnado, mas, foi seu Apóstolo
10 — JOSÉ — escreveu um dos Evangelhos
11 — JOÃO EVANGELISTA — foi pai de Jesus
12 — REENCARNAÇÃO — justiça misericordiosa de Deus

Arrumem êstes pedaços de palavras (sílabas) para formarem umas bonitas palavras:

ção - ca - U - ni - fi
ção - car - en - na - re
mo - pi - es - tis - ri

Arrumem estas letras para formarem nomes de amigos nossos:

S - E - U - S - J
A - A - I - R - M
O - J - E - S
E - O - D - R - P
L - L - N - A - A A - E - R - C - D - K
J - N - A - A - O A - R - D - C

Respondam a esta pergunta — Judas Iscariotes foi para o inferno?

Total de pontos — 21 mais 5 para a pergunta.

Mandem as respostas para a Caixa Postal 3946, escrevendo, no endereço — SECÇÃO DA CRIANÇA.

Instituição Beneficente «Nosso Lar»

Essa novel Instituição que se vem dedicando ao proficuo trabalho de assistência à Infância necessitada, sob a inspiração da Doutrina Espírita, inaugurou, no dia 8 de agôsto corrente, seu edifício próprio, na Rua Mesquita, 720, nesta Capital.

Trata-se de moderna construção, sòlidamente edificada, proporcionando o mais amplo confôrto às dezenas de crianças ali abrigadas.

Dentre as dedicadas diretoras daquela Instituição, encontra-se a Srta. Nancy Puhlmann, da Comissão Diretora do Departamento de Assistência Social da USE e também sua dedicada progenitora, Sra. Maria Augusta Puhlmann, ambas residindo no próprio local, dispensando maternal carinho às abrigadas, quais filhos bem amados.

À solenidade compareceu grande número de pessoas representantes de inúmeras entidades espíritas, inclusive a USE que estêve representada pelos confrades Luiz Monteiro de Barros e Carlos Jordão da Silva.

Delegações das Cidades de Taubaté, Cachoeira Paulista, e outras cidades do Interior do Estado, abrilhantaram a solenidade.

Usaram da palavra, dentre outros, os confrades Luiz Monteiro de Barros, em nome da USE, Pedro de Camargo (Vinicius) e Eduardo Teixeira, Presidente do Conselho Regional Espírita da 4.ª Região.

Em meio de grande alegria, foram fornecidos aos presentes um lanche e refrigerantes, gentilmente servidos pelas Diretoras da Instituição assistencial.

Que o Criador possa abençoar sempre essas abnegadas seareiras.

CASA DE VELHINHOS "ONDINA LÔBO"

Realizou-se no dia 8 do corrente, na Avenida São Paulo, próximo de Santo Amaro, a cobertura do magnífico prédio da Casa dos Velhinhos "Ondina Lôbo", resultado do dedicado esfôrço de uma plêiade de espíritas componentes do Grupo Espírita do mesmo nome.

À solenidade compareceram inúmeras pessoas do alto comércio e da indústria desta Capital, além de grande número de profitentes da 3.ª Revelação.

Aos presentes foi oferecida lauta mesa de doces, tendo nessa ocasião usado da palavra, enaltecendo a obra, o Dr. Eurico Branco, Diretor do Hospital São Lucas e um dos componentes da Diretoria daquela instituição.

A obra em aprêço é digna de ser conhecida pelos espíritas e testemunha o quanto pode realizar os princípios espíritas cristãos quando aplicados objetivamente em favor dos necessitados de fraternal assistência.

A USE fêz-se representar pelo seu Secretário Geral, confrade Carlos Jordão da Silva.

— Sim, Professor, desde alguns dias. A licenciosidade estava inundando o mercado com literatura infame, exigindo repressão. O Ministro da Justiça aproveitou êsse fato para ir com a censura ao máximo. A pretexto, por exemplo, de fiscalizar a entrada de impressos imorais, geralmente provindos da Itália, o que faz é reprimir a importação de brochuras políticas favoráveis à independência e unificação da península. Alegando-se o intuito de evitar incitações à greve operária, problema realmente sério, dificulta-se a entrada de livros socialistas procedentes da Inglaterra, e de obras protestantes oriundas da Holanda, da Suíça, da Alemanha e da própria Bretanha. O mais grave porém está ocorrendo aqui, no país. Afirmando-se a necessidade de defender a Moral e os bons costumes, como reza o decreto, o que se quer é impedir ataques políticos ao Imperador e críticas à Religião.

— Falemos mais baixo, Madame. Há fregueses perto da escada.

— Tem razão. O fato é que devemos evitar que O LIVRO volte aos padres. E' o que Edou foi tentar, procurando pessoalmente o Diretor do Departamento de Imprensa. E' nosso velho conhecido, amigo de meu marido.

— Quem, por favor?

— Monsieur DE SALLES.

— Tenho um amigo de grande prestígio no Ministério. Seria conveniente procurá-lo para nos coadjuvar ou acha desnecessário?

— Sem dúvida, é conveniente.

— E não haverá perigo em expor à venda a obra antes de registrada, como estamos fazendo?

— Não, Monsieur. E' interdito anunciá-la e comentá-la pela imprensa antes de registrada. Mas o editor, enquanto não receber portaria de interdição, pode ir distribuindo e vendendo a obra. E' como todos os editôres estamos interpretando a nova lei.

— Obrigado por suas informações, Madame. Queira desculpar-me não aguardar o regresso do Senhor DENTU, apesar do meu desejo de revê-lo e de minha curiosidade pela entrevista com Monsieur DE SALLES. Preciso porém fazer algumas coisas urgentes pela cidade antes de voltar para casa, e já se faz um pouco tarde. Amanhã voltarei.

— Depois de amanhã, Professor.

— Realmente, amanhã é domingo.

E, beijando-lhe a mão:

— Madame, quero exprimir-lhe mais uma vez meus agradecimentos pela boa atenção dispensada a meu manuscrito desde o primeiro instante. A Senhora foi muito gentil e compreensiva, e prestou com sua boa vontade relevante serviço à Causa dos Espíritos.

— Oh! Professor, eu...

— Minha visita de hoje não foi para tratar de negócio mas para lhe agradecer. Segunda-feira acertaremos nossas contas.

— Eu é que lhe devo gratidão, Professor. Não por haver escolhido a nossa casa para editar a obra, mas pelo ensejo providencial que me deu de ler o manuscrito num momento em que eu estava mergulhada na angústia e na saudade, e cheia de desgostos por ver o Edou em franco cepticismo justamente por causa da Mesa Falante. Já disse ao Senhor CLÉMENT quanto O LIVRO me fêz bem a mim e a meu filho. Tirou-me a tristeza, desvendando-me a verdadeira vida, e livrou o EDOU de ficar na descrença depois de tantos anos de fé na imortalidade da Alma.

— Como a obra é dos Espíritos, Madame, não me envaideço com suas palavras. Mas rejubilo-me de ver O LIVRO produzir tão altos benefícios antes mesmo de ser impresso, e justamente em quem primeiro me facilitou a publicação.

— Tenho certeza de que é uma obra divina.

— Pelo menos, transcendental, Madame.

* * *

AO FIM DA ESCADINHA, no fundo da loja, Adrien pediu a RIVAIL licença para o felicitar pela saída d'O LIVRO. O Professor, sorridente e grato, falou-lhe com o afeto dum mestre a discípulo:

— Ainda tão moço e já interessado por uma obra de tal ordem?

— Muito, Professor. Tenho ouvido tantos elogios a O LIVRO por parte dos patrões que aproveitei a folga para a leitura de algumas fôlhas. Estou impressionado com um fato.

— Diga-mo.

— Tenho lido vários trabalhos sôbre a Mesa Falante. Nenhum me impressionou tanto como o seu. Ao ler hoje as respostas dos Espíritos tive a sensação de estar apenas "recordando"...

— Você não será médium?

— Talvez. O Senhor DELAAGE considera-me "sensitivo". Não conseguiu levar-me ao estado sonambúlico, mas, em dado momento, entrei a tremer todo, meu corpo vibrava com tamanha rapidez, que assustei o Senhor DELAAGE. Faço porém a Mesa "trabalhar" quando estou na corrente.

— Sem dúvida é médium, precisando apenas de desenvolvimento da sua faculdade. Gostaria de fazer algumas experiências comigo?

— Sim, Professor. Muito!

— Dou preferência aos médiuns jovens, pois são predestinados à propaganda e consolidação do Espiritismo.

— Estou convencido, pelo pouco que li, que o "Spiritualisme" é uma coisa muito séria, e não divertimento. Serei feliz se eu puder, como médium, tornar-me útil ao Senhor e aos bons Espíritos.

— Avisá-lo-ei da oportunidade. Falarei a respeito com o Senhor CLÉMENT. Adeus, Adrien! Obrigado pelo seu concurso.

Adrien emudeceu de espanto ao ver a destra de RIVAIL estender-se aberta para apertar a sua. O gesto era absolutamente inabitual entre um freguês e o humilde empregado. Correspondeu tímido e hesitante àquele sinal de cavalheirismo que, realçado pelo olhar agudo e magnético de RIVAIL, o elevava de repente e por um instante da sua humilde categoria social. Trêmulo, comovido, seguiu com a vista lacrimosa o Professor notável que o igualava aos chefes da casa. RIVAIL, acompanhado de CLÉMENT, parou um momento junto à porta envidraçada para as palavras de despedida. Adrien encostou-se ao corrimão, temendo cair, e teve a sua primeira visão: Viu junto de RIVAIL um grupo de Espíritos, vestidos à moda da época, mas de tecido claro e brilhante. Um dêles, voltando-se sorridente para o jovem médium, lhe fêz um aceno familiar de "até breve".

* * *

NA PRAÇA DO TEATRO FRANCÊS, para a qual encaminhou os passos ao deixar a Livraria, RIVAIL entrou num corredor e parou à vidraça duma porta onde se lia "Messagerie Royale". Vendo-o entrar, veio-lhe ao encontro uma gorducha e amável mulher:

— Já despachei dois estafetas para a entrega de seus volumes, Senhor. Esteja tranqüilo: Antes das cinco estarão com os destinatários, como prometi a Monsieur CLÉMENT.

— Obrigado, Madame. Passei para lhe agradecer a diligência e pedir-lhe o favor de mandar-me segunda-feira um estafeta para novas entregas.

— A que horas, Senhor?

— Pelas dez da manhã. Obrigado desde já, Madame. Até à vista!

— Até revê-lo, Senhor. Mandarei o estafeta às dez.

Beirando o "Théatre Français", teve curiosidade de ver qual o espetáculo a que vinha de noite George SAND. E leu no placar fronteiro à estátua de MOLIÈRE: "HOJE — Demi-Monde — DUMAS Fils". Estava correndo a vista sôbre os nomes dos artistas quando um cavalheiro encartolado, de sobre-casaca azul com gola de sêda e um botão de rosa vermelha à lapela, lhe bateu afàvelmente nas costas:

— Então! Vem hoje ao espetáculo?

— Olá, Monsieur EMPIS! Prazer em vê-lo! Ia passando e não resisti à tentação de espiar o programa de hoje. Já conheço a peça. E admiro-me de topá-la agora na Comédie.

— Quer vir comigo aos grandes bulevares? Deixo-o onde quiser.

— Com muita alegria, se não lhe causo enfado.

Pelo MUNDO

ITÁLIA

O caso de Angela Volpini

Os leitores sem dúvida conhecerão o caso de Angela Volpini, a vidente de Casanova Staffora, vilarejo situado nos flancos dos Apeninos, nos confins de Piemont, Itália.

E' uma menina de treze anos, filha de camponeses, pastôra de profissão. E' vidente notável, pois alega ver, em dia, hora e lugar certos, a Virgem Maria.

Ici Paris, hebdomadário francês, mandou a Casanova Staffora um dos seus correspondentes para apreciar, com os próprios olhos, o que havia de verdadeiro nessa história, naturalmente estranha para muitos e até para não poucos espíritas.

Acompanhemos o correspondente, que num dos números de julho daquele jornal publicou, a respeito do assunto, longa reportagem, que procuraremos resumir o mais sucintamente possível.

Angela Volpini, no início, tinha sete anos de idade. Menina quieta, de pouca falação, pastoreava no dia 4 de junho de 1947 o rebanho de carneiros dos pais quando sentiu uma fôrça irresistível, que a levou, alí pelas 2 horas da tarde, ao cimo de um outeiro, onde lhe tremeram as pernas, a ponto de ser obrigada a ajoelhar e rezar uma salve-rainha. Mal terminara a prece, vira pela frente a Virgem Maria, rodeada de grande halo de luz, vestida com túnica côr de rosa, mantéu de côr cerúlea e véu branco. Sorrindo-lhe bondosamente, assim falou à estupefata menina no patuá da vila:

— Sou Maria. Ore muito, porque ajudarei a Você e aos seus. Volte aqui, na mesma hora, no dia 4 de julho.

Poucos minutos depois a pastorinha vai ao encontro das amiguinhas, que por sua vez pastoreavam, e lhes conta a visão. Houve alvoroço, vão para a casa, contam a novidade e, entre o pasmo de uns e a credulidade de outros, clama aquela boa gente a uma voz:

— Esperemos o dia 4 de julho!...

No dia aprazado, Angela, levada do mesmo inexplicável impulso, lá estava na colina. Os parentes e os habitantes da vila acompanharam-na de longe, quase em pêso, viram-na ajoelhar, abrir os braços, olhar para o céu e sorrir beatificamente. Durou o êxtase dez minutos, findos os quais se levantou, pálida, extenuada. A mãe a tomou nos braços e a menina falou à turba silenciosa:

— A Senhora nos recomenda orar pela conversão dos pecadores. Disse-me também ela que fará um dia um milagre.

As visões sucederam-se regularmente no dia 4 de cada mês. Em tôdas as aparições a Senhora lhe sorria, recomendava-lhe orar sempre e reafirmava-lhe o propósito do milagre. A notícia correu pelos arredores de Casanova Staffora, esparrimou-se pela Itália e atravessou as fronteiras internacionais. No dia 4 de junho de 1948, apesar da chuva renitente que caía, o número de peregrinos, vindos dos quatro cantos da Europa, principalmente da França, Suíça e Austria, ascendeu a nada menos que a 100 mil. Mas no momento da aparição, a chuva parou de repentino e a abóboda celeste refulgiu como um bom céu peninsular.

Crescia a olhos vistos o número de romeiros. No dia 4 de junho do ano seguinte lá estavam 200 mil dêles, que tudo queriam ver ou ouvir. E a pastorinha, enlevada, lhes falou:

— A Senhora me confiou um segrêdo que não poderei revelar nem mesmo ao Papa. Garantiu-me que fará um milagre e explicou-me como o fará. Mas não posso desvendar a ninguém o segrêdo.

A Igreja Católica, por razões suas — aliás muito conhecidas nossas — interveio no fenômeno, ordenou aos fiéis que se abstivessem das peregrinações e acabou internando a menina no convento de uma localidade da redondeza, onde médicos, psiquiatras, teólogos e outros que tais a interrogaram longamente, sem nenhum resultado satisfatório, pois Angela gozava de boa saúde, era lúcida e normal. Decidiram então fazer com que ela perdesse a noção do tempo. Qual seria o seu procedimento se não soubesse da data exata para a ida ao coruto? Assim o pensaram, assim o fizeram. Correram os dias sem nenhuma novidade. Porém precisamente no dia 4 do mês seguinte as religiosas foram encontrar Angela, logo de manhã cedo, procurando alcançar o gradil da clausura. Clamava e suplicava:

— A Senhora me está chamando! Deixem-me ir lá!

Foi a prova decisiva. Julgaram-na em estado de graça, deixaram-na sair, fizeram cotização e no lugar das aparições levantaram uma capela votiva e um recinto para o recolhimento de doentes.

* * *

Êste é o caso de Angela Volpini. Não temos notícias se as visões continuam ou não. Damos-lhe inteiro crédito, não nos pormenores do relato, mas na possibilidade do fato, que o Espiritismo explica muito racionalmente. Não é o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro caso. Os fastos espiríticos estão cheios dêles. Basta-nos, para comprovação da assertiva, citar as aparições de Bernadette Soubirous (a da Nossa Senhora de Lourdes) e a de Fátima (de Portugal).

Não há que ver que não se deverá atribuir o aparecimento ao próprio Espírito da magnânima Virgem Maria. Não haveria razão e explica-se fàcilmente ela.

O Espírito tem a sua luminosidade própria e quanto mais etérea e radiosa é a sua forma fluídica — como fala Léon Denis — tanto maior é a luminosidade. Para nós, encarnados, já nos causa admiração um Espírito com a luminosidade não daqueles — na classificação de Allan Kardec — da primeira ordem, que são os Puros Espíritos, mas daqueles da segunda, que são os Bons Espíritos. Se nos causa admiração a nós espíritas, com muito mais razão a causará a leigos e profanos, que nos casos de visões de entidades com formas femininas as atribuem, na sua fé religiosa, à Virgem Maria. Exemplo vivíssimo temos num caso relatado por André Luís. Um Espírito caridoso vai em auxílio de um sofredor. Demos a palavra ao nunca assaz citado André Luís ("Mundo Maior", pág. 62):

— "Reconhecendo o poder divino de que era dotada a emissária, notei que o enfêrmo, parcialmente liberto do corpo, e o perseguidor implacável passaram a vernos com indescritível assombro. Gritaram violentamente, empolgados pela surprêsa, e, por julgar cada um de nós o que vê através do prisma de conhecimentos adquiridos, cuidaram fôssem visitados pela excelsa Mãe de Jesus :definiam o ambiente em harmonia com as noções religiosas que o mundo lhes inculcara.

O doente ajoelhou-se de súbito, dominado por incoercível comoção, e desfez-se em copioso pranto. O outro, porém, embora perplexo e abalado, manteve-se ereto, qual se o bendito favor daquela hora lhe fôsse, a êle mesmo, concedido.

— Mãe dos Céus! — clamou o companheiro hospitalizado, chorando convulsivamente — como vos dignais de visitar o criminoso, que sou eu? Sinto vergonha de mim mesmo, sou imperdoável pecador, abatido pela minha própria miséria... Vossa luz revela-me tôda a extensão das trevas em que me debato! Condoei-vos de mim, Senhora!...".

Eis o que lhe respondeu o Espírito de Cipriana:

— "Pedro, filho meu, não sou quem julgas, no transporte de viva confiança que te sensibiliza a alma. Sou simplesmente tua irmã na eternidade; todavia, também fui mãe na Terra, e sei quanto sofres.

O interpelado ergueu os olhos súplices, fitando-a através de espesso véu de lágrimas. Embora visivelmente animado pelas declarações ouvidas, manteve-se em posição reverente e humilde".

Aí está a explicação dessa e outras aparições, que causam temores em uns, êxtases em outros e até descrença em outros mais.

Cremos não a poderíamos dar mais clara nem mais consentânea com os nossos princípios doutrinários.

SUÉCIA

Congresso Internacional de Estocolmo

O *Congresso International de Estocolmo* — o segundo daquêle país — realizado em Estocolmo, de 31 de agôsto a 9 de setembro de 1951, congregou as maiores notabilidades das ciênicas psíquicas.

Foi organizado pela *International Spiritualist Federation*, 72 Woodstock Road, Bedfor Park, London, W. 4, Inglaterra.

(Cont. na pág. 6)

— Venha!

E, conversando, tomaram na frente do teatro um landô puxado por dois cavalos brancos.

— Então já conhece Demi-Monde?

— Assisti a uma de suas primeiras representações no Gymnase vai para dois anos. Foi justamente quando comecei a estudar o Espiritismo.

— "Espiritismo"?! Que coisa é essa?

— A filosofia das Mesas Rodantes. Ainda não ouviu falar delas?

— Ah! Compreendo. Sim. Fiz algumas observações em casa de RACHEL.

— De RACHEL? Não sabia que ela era Espiritista.

— Apaixonada pelos Espíritos! Via-os, ouvia-os, sentia-os, segundo nos afirmava. Coitada! Já estava doente. Desenganada pelos médicos, voltara tôda a esperança de cura para as Almas dos defuntos... Mas continua perdida, irremediàvelmente perdida.

— Pobre RACHEL! E' pena ver-se tão grande tragediana condenada "irremediàvelmente" como Você diz. Pouco antes de ela embarcar em turnê para a América, fiz-lhe a tradução dum drama inglês a pedido dela, do qual ela retirara o frontispício para eu não saber o nome do autor nem o título da obra. Depois não a vi mais.

— Depois da turnê, recolheu-se para tratamento. Está agora na Suíça.

— Gostaria de ter o endereço dela para enviar-lhe meu último livro.

— Pretende ensinar gramática francesa à nossa maior declamadora?

— Meu O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

— Levou a sério ou à crítica tal assunto?

— Muito a sério. E Você? Nenhuma conclusão tirou da Mesa Rodante?

— Sim, tirei-a: Falharam-me todos os palpites que ela me deu. Só tive decepções. Aliás sempre tive reservas perante o Magnetismo.

— Talvez haja pedido à Mesa favores de natureza material.

— E que desejava Você pedisse eu? As nuvens? Uma recomendação a São PEDRO?

— Soluções morais.

— Não vivo de brisas, meu caro. Sou homem de teatro, ponho em cena algumas ficções, mas eu não vivo de fantasias. Na vida prática, nada de sonhos. Os melões estão caros.

— A Mesa Falante veio para soluções morais.

— A Mesa Rodante foi a maior pêta que já nos mandaram os americanos.

— E Você vai indo bem, na Comédie?

— Podia ir melhor, se tivesse temperamento subservil, para capacho de políticos devassos para concordar com os caprichos dos sócios e artistas. Mas, que fazer, meu caro? Nasci torto e me habituei a seguir à risca a lei e os regulamentos quando estou em função pública ou fora dela.

— E Demi-Monde? Abandonou o Gymnase?

— Não. Continuará lá . A representação de hoje é extraordinária. Demi-Monde foi escrita expressamente para a Comédie Française. Mas, por um capricho invencível, RACHEL se opôs ao tema, HOUSSAYE cedeu e DUMAS Fils foi para o Gymnase. Eu porém venho, desde a primeira hora, agindo com absoluta independência, rigorosamente dentro do Regulamento, e de maneira diferente da de meu ilustre antecessor. O Teatro Francês não é uma propriedade particular mas uma instituição nacional. Desde que assumi o cargo, no ano passado, venho pondo em cena, como Você sabe, não só as peças modernas mas também as obras primas antigas. Pretendo fazer representar na Comédie tudo quanto há de bom no teatro francês: Ontem, Le Malade Imaginaire de MOLIÈRE, hoje Demi-Monde do mais atual e discutido de nossos comediógrafos.

— E' boa política agradar a todos.

— A boa política é servir o Povo. A finalidade da Comédie é puramente educativa. Como teatro modêlo deve representar tudo que o teatro francês tem de bom.

— Não esperava o sucesso teatral de Demi-Monde. Até o nome pareceu-me infeliz. No entanto...

— Paris ama escândalos, e o nome era sedutor. Por que o julgou "infeliz"?

— O neologismo me chocara por estravagante e dúbio. Já é porém palavra corrente e consagrada cuja finesse tôda a gente aplaude. Não podemos lutar contra o uso dos têrmos novos, quando aceitos pela sociedade letrada. O uso da boa sociedade é o melhor mestre do francês.

— De acôrdo. Ela também é a barreira da gíria e do calão.

— Também a tese, à primeira inspeção, pareceu-me demasiado impudente. Mas agora, à luz do Espiritismo, compreendo melhor a finalidade moralista do autor.

— Perdão! À luz de quê?

— Da filosofia da Mesa Falante.

— Você me está ficando um tanto... sem luz.

— Se eu fôsse juiz no Concurso FAUCHER do ano passado, teria sinceramente votado a favor de Demi-Monde e deferido o prêmio a DUMAS Fils.

— Mas foi o que aconteceu por unanimidade.

— Eu sei. Quero dizer que seria também a favor.

— Com justiça. A meu ver, o Ministro BAROCHE procedeu... como direi?

— Estranhamente, pelo menos.

— Sim, "estranhamente", suprimindo o prêmio FAUCHER no ano atrasado só para não o conceder a DUMAS Fils que o mereceu em júri.

— Teria visto na tese premiada alguma alusão à Côrte imperial?

— Nada disso! Ainda aí andou o dedinho imperioso de RACHEL contra DUMAS Fils. O Ministro não quis desgostar a nossa maior artista nem agravar o júri, e suprimiu, naquele ano, o prêmio... por falta de verba.

— Estranha mulher! Não se esqueça de dar-me o endereço dela. Olhe, segunda-feira a Messagerie Royale, fronteira à Comédie, me vai mandar cedo um estafeta.

— Enviar-lhe-ei o endereço por meu contínuo.

— Pois estou de integral acôrdo com sua administração. O Teatro Francês deve ser uma escola. Tôdas as peças educativas, como Demi-Monde, devem ser levadas à cena em a Comédie.

— Malícia ou... espírito de defunto?

— Sem malícia.

— Considera realmente Demi-Monde educativa?

— Por que não? Reconheço hoje, graças ao Espiritismo, que há vários meios e modos dignos de educar as massas humanas. O teatro é um dêles. Pode levar as massas, pela revelação ou, melhor, pela ridicularização de seus atos sociais, a modificar os maus costumes. DUMAS Fils está seguindo um método excelente, o do realismo, para combater os erros do materialismo sensual que vem pervertendo aos poucos a tradicional moralidade da Mulher francesa. E' um autor inspirado pelos Espíritos do Bem.

— Os Espíritos andam metidos também em teatro?

— Propagam a Moral por diferentes maneiras. Em O LIVRO, que acabo de lançar, dirigem-se aos homens amadurecidos, capazes de raciocinar sôbre temas filosóficos e religiosos. Numa peça como Demi-Monde, inspiram o escândalo, que é o pavor da mulher briosa, da mulher pertencente a uma boa família. Abre-lhe os olhos para a imprudência de outras que fraquejaram, levando-a ao domínio da fantasia, do arrebatamento, mostrando-lhe, no caso de Demi-Monde, o verdadeiro título que tem na sociedade a mulher que supõe passar por "espírito forte", por "adiantada" ou "superior", quando espezinha a moral.

— Acha então que DUMAS Fils está bem cotado entre os Espíritos?

— Para mim, tanto êle como o pai, Alexandre DUMAS, são médiuns e têm, assim, direta ou indireta colaboração do Invisível na educação das massas.

— Julga Você que se pode pregar a Moral através da Imoralidade?

— Tratar no teatro um mal que se deplora, apresentando-o como infelicidade que pode ser evitada, é, a meu ver, um modo de ensinar a Moral.

— Você está hoje difícil! Indecifrável!

PELO MUNDO

(Cont. da pág. 5)

A Rússia e a Espanha — fato auspicioso! — que no Congresso de 1948 não mandaram os seus representantes, lá estavam representadas no de 1951.

As teses postas em discussão foram as mais importantes da ciência metapsíquica. Falaram, entre outros, os Srs. Ernest Keeling, presidente da *International Spiritualist Federation;* Dr. David Bedbrook, secretário da mesma *International;* Rolf Carleson, presidente de uma Associação sueca; Prof. René Dufour, do *Instituto Metapsíquico* de Paris; Achille Biquet, de uma Associação Franco-Belga; André Dumas, de uma Associação Francesa: Lloyd, de uma Federação Espiritualista da África do Sul; Dra. Gerda Walther (antiga secretária do Prof. Albert de Scherenck Notzing, o celebrado autor de *Les phénomènes physiques de la médiumnité*, que trouxe um prefácio de Charles Richet, em que êste afirma que a ciência metapsíquica será um dia integrada na ciência clássica); Dr. Bedri Ruhselman, da Turquia, que apresentou uma tese muito discutida e apreciada sôbre o "Estudo e exposição da mediunidade e relação e comunicação entre encarnados e desencarnados segundo o neo-espiritualismo"; e por último o Dr. Gastone De Boni, êsse grande estudioso italiano, que tanto tem feito em prol do espiritismo com a publicação das obras de Ernesto Bozzano, Gustav Pagenstecher, Karl du Prel e outros mais.

Ao Congresso estêve presente também Einer Nielsen, um dos mais notáveis médiuns de materialização do mundo. Conta De Boni que em Londres, em 1948, assistiu a uma sessão de materialização com Nielsen, em que várias entidades espirituais, materializadas, conversavam com os assistentes como se estivessem todos numa reunião comum de pessoas encarnadas!

BRASIL

SÃO PAULO

Falso espiritismo: bode expiatório

O espiritismo, não obstante ser uma doutrina de amor, compreensão e discernimento, tem sido errôneamente interpretado nas suas facêtas características. Felizmente, quando isto acontece, o bom senso contorna a malevolência, apresentando uma escapatória: o falso espiritismo.

Antes assim. Os jornais da Capital da última quinzena de julho deram notícia do início de uma campanha, por parte da polícia, contra o falso espiritismo, que, para todos os efeitos (ainda bem!) é sempre a umbanda. Nos dois primeiros centros espíritas (conforme lhes chamam indevidamente) que varejou, encontrou ela o seguinte:

1 — no terreiro, onde os profitentes se reuniam, havia cânticos, gritos e danças;

2 — num dos cantos do salão existia um altar, a que dão o nome de *Conga* e diante do qual se praticavam rituais místico-selvagens e se entoavam hinos de mistura com pedidos de curas de doentes, realização de casamentos, aproximação de amantes ou casais desavindos, empregos bem remunerados, facilidades pecuniárias, etc.;

3 — recolheu-se grande quantidade de material do mais estranho feitio, como santos ainda até por serem... canonizados;

4 — 50 pessoas, vestidas de branco, entregavam-se a estravagantes rituais mágicos; grandes nuvens de fumaça asfixiavam os componentes da tenda, que se desentendiam (ou se entendiam à moda dêles) em algaravias africanas.

E o mais grave da barafunda não é o exposto, que pode envergonhar qualquer mortal que possua um tique de compreensão doutrinária: o mais grave é — conforme apurou a polícia — o fato de os responsáveis pelos centros os terem registrado na Federação Espírita do E. de São Paulo como sendo observadores dos preceitos de Allan Kardec, quando na verdade o são das linhas *cabocla, africana* e *indiana*.

A filiação que fizeram na Federação e o compromisso que com ela tomaram foram apenas para *inglês ver*, porque o que essa gente quer são sòmente garantias jurídicas.

Combatamos de pés juntos essa prática desairosa e perniciosa, porque senão amanhã nós os espíritas não nos entenderemos mais uns aos outros. Razão tinha pois Léon Denis quando dizia que o espiritismo será o que os homens dêle fizermos.

Similia similibus! Sim, os semelhantes procuram-se, rematava aquêle extraordinário apóstolo do Mestre e peristilo da Doutrina Espírita.

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

Como entidade representativa do Espiritismo Estadual, a USE vem desenvolvendo, em ritmo seguro e com produção cada vez maior, suas atividades normais, procurando cumprir disposições estatutárias e atingir suas finalidades.

SEMANAS ESPIRITAS: — Depois da vitoriosa 6.ª Semana Espírita de Taubaté, cujos resultados foram os mais promissores, novas "Semanas" foram programadas: Itapira, São Carlos, São José dos Campos, etc.

Essas "Semanas", obedecendo a programas mais objetivos, cuidadosamente elaborados com a assistência e a orientação da direção central da USE, conforme Circulares expedidas e sugestão apresentada para essa programação, têm contribuido para consolidar as UMES, esclarecer os objetivos da Unificação, propagar a Doutrina Espírita em tôda sua pureza, iniciar, incentivar e orientar obras de Assistência Social e educacionais, exercitar a aproximação e amizade entre os profitentes da 3.ª Revelação e sobretudo elevar o conceito do Espiritismo no seio das mais diversas camadas sociais.

ORGANIZAÇÃO: — Por meio de volumosa e continuada correspondência, continua orientando o trabalho de organização do Espiritismo, tanto na Capital como no Interior de todo o Estado.

A fim de consolidar os organismos da USE, foram visitadas as Cidades de Mogi das Cruzes, pelo Conselho Regional da 1.ª Região, Jacareí e Taubaté, pelo Departamento de Organização e Propaganda, com os mais promissores resultados.

JORNAL: — O jornal oficial da USE está sendo editado com regularidade, observando o mesmo critério inicial em que prosseguirá sempre, orientado por um Conselho de Redação que se reune semanalmente para discutir o material necessário com a maior atenção e carinho, a fim de que o jornal possa continuar merecendo a acolhida de todos, dada a maneira por que é feito e orientado.

2.º Congresso Estadual da Mocidade Espírita: — Por meio do seu Departamento de Mocidade, vem realizando as reuniões prévias do 2.º Congresso da Mocidade Espírita, de acôrdo com o Plano estabelecido, tendo em vista realizar essa reunião em janeiro vindouro.

VISITA À FEDERAÇÃO ESPIRITA DO PARANÁ: — Visitando a Federação Espírita do Paraná, por ocasião do seu aniversário de fundação, no dia 23 de agôsto corrente, a USE, representada pelos confrades Dr. Luiz Monteiro de Barros e Carlos Jordão da Silva, teve oportunidade de trocar idéias com os dirigentes das Federações Espíritas dos demais Estados do Sul, visando o bom andamento do trabalho de Unificação orgânico-doutrinária do Espiritismo, acertando pontos de vista a respeito dessa ingente tarefa.

ATIVIDADES DOS ÓRGÃOS DA USE: — De acôrdo com os relatórios e cópias de atas que está recebendo, a D.E. da USE verifica que a maioria das UMES e UDES, Conselhos Regionais e Metropolitano estão desenvolvendo satisfatória atividade em prol da Unificação da coletividade espírita, por meio do esclarecimento e do trabalho em solidariedade na realização de obras de interêsse comum.

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DO C.M.E. — O Conselho Metropolitano realizou, no dia 9 do corrente, mais uma excelente solenidade de confraternização dos Espíritas, Centros e UDES da Capital, na sede da Sinagoga Espírita "Nova Jerusalém". A assistência elevou-se a mais de mil pessoas, que superlotaram o amplo salão daquela entidade. Foi orador oficial o Presidente da USE, Dr. Luiz Monteiro de Barros. O Maestro Tirelli, dirigindo o Grupo Artístico do Centro Espírita "Nova Revelação", apresentou aplaudidos números de Música e Canto. Houve sorteio de livros espíritas e resumido relatório das atividades unificadoras, atos êsses que deixaram indelével recordação em todos os corações.

— DUMAS Fils, com sua tese arrojada, aparentemente escandalosa, penetrou no seio da sociedade francesa para mostrar, ali, a chaga que a corrói. Não basta de fato a sociedade afastar de si as cortezãs para deixar de ser corrompida. Com as demi-mondaines ela está mais infestada do que imagina. A peça de DUMAS Fils abre-lhe os olhos.

— Não nego a DUMAS Fils haver posto com felicidade o dedo na ferida.

— Veja a felicidade com que o fêz, por exemplo, em certas definições. Note estas palavras da protagonista: — "Nosso demi-monde é uma descaída para aquelas que vêm de cima. E' porém uma elevação para aquelas que vêm de baixo".

— Estupenda definição!

— Estoutra: — "A linha limitrofe do demi-monde começa onde a espôsa legal acaba e termina onde a espôsa venal começa. Nós, demi-mondaines, não vendemos, DAMOS; é banida de nosso mundo aquela que se vende, como é banida do mundo das cortezãs aquela que se dá". Esta definição, como a anterior, ficará.

— Sim, pegaram. Há outra, não menos precisa: — "O demi-monde difere do mundo das mulheres honestas pelo "escândalo público" e, do mundo das cortezãs, pelo "vil metal". Naquele, o mundo é delimitado por um dispositivo de Lei; neste, por um "disco de ouro".

— Realmente esplêndida. Temos agora bem definidos três mundos em que a Mulher pode viver na Sociedade. DUMAS Fils destacou aquêle em que a Mulher "desce" ou "sobe" exclusivamente por sensualidade incontrolada. Advertida em tempo, a Mulher do mundo honesto poderá evitar a queda no demi-monde, que é povoado de levianas desprovidas da Fé. Sem a crença na "Vida Futura", na Imortalidade da Alma, nas Penas e Gozos de "Outro Mundo" decretados por justiça infalível, a Mulher é fácil prêsa da tentação de viver numa roda social de aparente deleite. Combatendo, pelo espetáculo da chaga, o materialismo sensual que derruba a Mulher desprevenida de Fé, a peça realiza sutilmente uma obra de saneamento moral.

— O mal a que Você se refere é incurável... desde o Paraíso.

— "Incurável", não creio. Não foi sem motivo superior que os Espíritos, na França, começaram sua manifestação física atual pelos salões mundanos onde a mescla dos dois mundos, o legal e o ilegal, é mais pronunciada. A Mesa Falante é nessas rodas arma de dois gumes: Diverte e corrige. Manifestando-se entre as mulheres fáceis, que "se dão", os Espíritos advertem-nas, por seus conselhos, dos perigos que elas correm, mostrando-lhes o que poderão vir a ser, numa reencarnação, não mais tão-só por sensualismo, ambição e leviandade, mas pelo Castigo Divino.

— Hoje, "demi-mondaines" por gôsto; amanhã, "cortezãs" por punição divina.

— Você está hoje difícil! Não o compreendo.

— Não ouviu falar ainda na Reencarnação?

— Em que sentido?

— No de voltarmos, depois de mortos, a viver na Terra em outros corpos.

— Avatar, como disse Théophile GAUTIER num belo romance?

— Êsse têrmo, popularizado por Théophile GAUTIER, tem entre nós o sentido de "transformação", "transmutação". Reencarnação é outra coisa. E' a volta do Espírito do homem que morre a outro corpo.

— E Você crê nisso?

— A Lógica me levou à convicção; o Espiritismo me deu a certeza.

— Parbleu! Os Espíritos o estão transformando, meu caro. Cuidado!

— Estão de fato transformando-me. E' por seus ensinos que sei o destino da "demi-mondaine" em uma nova existência carnal. O êrro da Mulher, "que se dá" por sensualismo "fora da Lei", não ficará impune "dentro da Lei".

— Confucionismo?

— Um dos castigos da Mulher que hoje se entrega ao prazer sexual "sem paga" e por simples leviandade será o de entregar-se amanhã, "forçada" por misterioso destino, "em troca do vil metal".

— Dificílimo! Charadístico! Mas, continue.

— A cortezã é uma "escrava" de seu passado de leviandade moral. Sofre o castigo de seu antigo impudor, de sua pretérita infração da Lei Moral, do mau exemplo que deixou. Expia uma culpa. Por isso dificilmente a poderemos arrancar da provação.

— Quantas se salvam!

— São raras as Madalenas entre as cortezãs. Mas a "demi-mondaine" pode ser salva duma futura prova aviltante, levantando-se nesta existência corajosamente da queda, ou por outra, corrigindo-se nesta vida. Adverti-las disso é uma caridade. A "demi-mondaine" pode, acordada em tempo, evitar uma existência futura de "obrigatória" vexação pública.

— Não será fácil, meu caro, corrigir uma índole má, inclinada por natureza ao sensualismo, arrastada a êle pelo meio social em que nasce, em que não quer mais viver, que é o da miséria.

— Mais fácil do que Você pensa. Se a mulher seduzida nascer numa família honesta, já tem o meio social em que se apoiar: O exemplo materno. Só resvalará para o "demi-monde" se perder a Fé. Ora, se lhe mantivermos bem viva a crença na Imortalidade da Alma, na Justiça de DEUS...

— Os Espíritos dos Mortos estão cuidando disso agora?

— Não os ridicularize, meu caro. Os médicos não são para os doentes? Você é um bom moralista em tôdas as suas peças teatrais. Que esplêndidas lições de Moral em "Six femmes de HENRI VIII"! Se conhecer o Espiritismo filosófico, redobrará seu propósito, como teatrólogo, de concorrer para salvar a Mulher francesa, ameaçada mais do que nunca em sua dignidade maternal, social e matrimonial pelo Materialismo, único responsável pelo desnivelamento da Moral nos últimos tempos.

— Você está hoje realmente... Como direi?

— Dificílimo, pois, não?

— Francamente! Afirmar que "Demi-Monde" é uma peça capaz de concorrer para melhorar os costumes equivale a dizer que a Imoralidade...

— Perdão! Não taxemos de "imoral" um autor sincero, que mostra a verdade sem o manto da condescendência. A Verdade onde quer que apareça é sempre "moral".

— Mesmo quando aparece "nua"?

— Os Antigos a esculturavam "nua". Veja a "Vênus Pudica".

— Mas a verdade nua fere o pudor moderno, meu caro. E tudo que fere o pudor é imoral, penso eu.

— Lembre-se do simbolismo do Êden: EVA, enquanto pura e inocente, estava "nua". Era "casta". A Verdade, mesmo nua, é sempre casta.

— Palavra! Não conhecia essa curiosa face de seu caráter, meu caro.

— Você não quer ler meu novo livro?

— Com prazer. Será interessante. Mas vou enviar-lhe o endereço de RACHEL. Ela é que está precisando de conselhos morais dessa ordem "educativa". Genial e ainda relativamente moça, depois de ter tôda Paris a seus pés, e de haver experimentado em vida a maior glorificação a que pode aspirar uma mulher, apesar de...

— Não a julgue, amigo! Você é suspeito. Ela está enfêrma, purgando talvez alguns erros tão naturais numa grande artista, preparando-se quiçá para entrar vitoriosa no Mundo dos Espíritos, como entrava triunfante em nosso palco. O Espiritismo veio para mostrar o caminho da redenção pela Dor. Ela sofre.

— Tem razão. Consumida pela tísica, abandonada de seus antigos admiradores e bajuladores, exilada voluntàriamente em terra estranha, sem aquela voz inimitável que a tornava singular, única...

— Se estiver conformada, estará salva.

O landô chegou à esquina da Rue Laffitte, no Boulevard des Italiens. Alegando precisar fazer umas compras ali perto, RIVAIL desceu e dirigiu-se a um restaurante para falar com um velho amigo.

(Continua)

E' geral e inconveniente a confusão que dia a dia se faz, em sentido crescente, entre Umbanda e Espiritismo, o que deve ser levado à conta de imperdoável incúria por parte dos estudiosos das ciências psíquicas.

Há tanta parecença, e mais que parecença, semelhança, entre as práticas mediúnicas do Espiritismo e as da Umbanda, quanto a há entre o sol e a lua. Se porventura alguém puser em dúvida a asserção, pedimos-lhe humildemente nos acompanhe por esta estirada afora, a qual, se não tiver o dom de lhe provocar o sono, há de tê-lo para levá-lo ao esquecimento provisório das agruras da vida moderna.

* * *

A Umbanda é prática religiosa oriunda dos negros africanos bantos (a) que, juntamente com os sudaneses, foram trazidos ao Brasil como escravos.

Existindo entre os negros bantos, segundo Nina Rodrigues e Artur Ramos, o culto

Umbanda e Espiritismo

JOÃO TEIXEIRA DE PAULA

dos antepassados, ou a crença na existência das almas dos mortos, os negros brasileiros fundiram êsse culto com as práticas do Catolicismo e do Mediunismo, assimilando-o ao seu ritual supersticioso, daí nascendo então o culto banto-ameríndio da Umbanda (b).

A Umbanda não conta com nenhum Codificador, como o Espiritismo, ou Reformador, como o Protestantismo, ou Papa, como o Catolicismo, para nos cingirmos tão-só a comparações religiosas do ocidente. Brotou simultâneamente em numerosos recantos do país, naturalmente como resultado étnico de modificação histórico-religiosa ameríndia.

Está ela pejada de rituais díspares e caracteriza-se pelas manifestações de caboclos e prêtos velhos. Não possui nenhum código basilar e trabalha com diversas classes de Espíritos, tais como (1):

1.ª — Os orixás maiores e menores individuais, isto é, os guias espíritas ou santos católicos;

2.ª — os Espíritos celestes, que são aquêles que não passaram pela encarnação humana;

3.ª — os elementais ou fôrças vivas da natureza, aos quais fazem referência os esoteristas e teosofistas;

4.ª — os exus, ou Espíritos inferiores, mas para a prática do bem;

5.ª — os elementares, ou eguns, que são Os Espíritos do zé-povinho.

A ignorância religiosa assaz concorreu para o desenvolvimento do ritualismo afro-católico no nosso país ,ritualismo êsse que, sendo incorporado a certas práticas mediúnicas, deu em resultado o aparecimento do Umbandismo em nossos meios. Mas cumpre salientar e deixar claro, uma vez por tôdas, que o Espiritismo nada tem que ver com o Umbandismo, não obstante êste lançar mão do Mediunismo e da invocação dos mortos — práticas essas que, convenhamos, não são aliás exclusividade do Espiritismo, podendo pertencer a qualquer culto ou até mesmo a culto nenhum, como o ateísmo, porque elas não são privilégio de quem quer que seja. Os canzéis Umbandistas existentes por êsse Brasil afora não podem, em absoluto, ser comparados a Centros Espíritas que se prezam do nome e cuidam dêle.

Conforme muito bem acentou Deolindo Amorim (2) no Umbandismo há matéria para estudo sério, mas ùnicamente sob o ponto de vista folclórico, etnográfico, talvez etnológico e outros (c).

O Umbandismo é culto altamente fetichista, repleto de cerimônias estravagantes, com os seus santos, os seus altares, os seus elementais e elementares, os seus cânticos, os seus riscados, as suas danças, os seus *cavalos* (médiuns) o seu complicado e às vêzes ininteligível vocabulário. Em que parte da Codificação kardeciana se vê ou encontra cousa semelhante?

Fazem os Umbandistas, nos trabalhos de tenda ou terreiro, largo uso dos pontos *cantados* e *riscados*. Os primeiros são evocações, com ritmo e tom, pelos quais se apela para os guias, que são as falanges protetoras; os segundos são símbolos mágicos, que, conforme a feitura e a posição que o operador tomar, têm diversas significações. Por exemplo: o pentagrama, diferentemente desenhado, corresponde a uma simbologia de variado poder oculto.

E' tão complicado e (segundo os adeptos) perigoso o uso dos pontos riscados, que um autor (3) não teve dúvidas em escrever que, quem quiser penetrar um poucachinho nas mirongas (segredos) dos pontos riscados, deverá familiarizar-se com a origem da escrita, penetrando nos passados assírio, babilônio, caldeu, egípcio, perscrutando os hieroglifos, o mistério das pirâmides, as inscrições astecas (d) toltecas (e) bem como o de outras civilizações desaparecidas; deverá fazer mais: procurar compreender o TARO, estudar o valor mantrânico dos alfabetos sânscrito, hebraico, fenício, grego, latino, etc.; procurar ainda conhecer a grafia astrológica, estudar a heráldica, estar capacitado na geometria, numerologia, etc., etc.

Tudo isto é aterrador e nos causa pasmo, porque exige de cada Umbandista nada mais, nada menos, do que o cabedal de conhecimentos de um Renan ou de um Champollion!

Os pontos cantados já não oferecem muito perigo, embora devam ser levados a sério — segundo êles — visto serem evocações que podem acarretar o bem ou o mal. Eis aqui um ponto de Gangazumá, apanhado ao acaso numa obra qualquer:

Povo de Ganga auê
Orá povo de Ganga auâ...
E' Ganga eu quero vê,
O povo no gongá.
Orá ganga zauê.
Orá ganga zuá.
Oia ganga zumê.
Oia ganga zumá.
Cabinda vai chegá,
Cabinda vai baixá,
Cabinda de ganga, urubambá (f).

Há autores Umbandistas que, não obstante se dizerem Espíritas — o que não pode ser — asseveram, cronològicamente em desacôrdo consigo próprios, visto ensinarem que a Umbanda é anterior ao Espiritismo, que se êste é a Terceira Revelação, aquela é a Quarta Revelação!

Trabalha a Umbanda com sete legiões ou linhas de Espíritos superiores, que são os celestes, sendo uma parte masculina e outra feminina, e sete legiões ou linhas de Espíritos inferiores, que são os demônios, sendo também uma parte masculina e outra feminina. São as seguintes:

Linha de Santo
" do Mar
" Oriental
" de Oxosse
" de Xangô
" de Ogum
" Africana (g).

Escreve uma autora que, para que uma sessão seja levada a bom têrmo num terreiro umbandista, são necessários determinados objetos de que ninguém pode prescindir:

— "Para os trabalhos do terreiro de Umbanda são indispensáveis a *pemba* branca e azul (giz); o *marafo* (parati), o *sangue-de-Cristo* (vinho do Pôrto), marambaia (cerveja), o fumo de rôlo, o cachimbo, as balas para as crianças, as velas acesas, as imagens de Santos, conchas e água salgada" (4).

Dizem os profitentes que a finalidade da Umbanda é a prática do bem e a da Quimbanda a do mal. A da Aruanda é um meio têrmo entre uma e outra.

Não é fora de propósito frisar que existe uma linha Umbandista em que não se faz comunicação com os Espíritos comuns, mas sòmente com os orixás. Se, durante as sessões no terreiro, um egum toma qualquer aparelho mediúnico, êle é intimado a retirar-se. Se, porém, teima na manifestação, vai-se então ao extremo da intimação: o médium (ou suposto médium ou o *cavalo* dêles) leva tremendas surras com varas de marmelo, até a completa retirada do intruso!

As sessões de Umbanda, ou de batuque, macumba, candomblé e maracatu, denominações por que são elas também conhecidas, se realizam de preferência em terreiros, ao ar livre, onde se tiram rezas, baixam os exus e oxalás, e onde os cozimentos ou sumos de ervas, os chás, o sangue dos animais impiedosamente sacrificados, com os quais se lavam as cabeças dos iniciantes, são postos sôbre os fetiches, constituídos de pedra ou metal, pertencentes aos orixás, ou anjos-de-guarda, ou donos de suas cabeças, quer dizer, das cabeças dêles, iniciantes.

As consultas, para bons ou maus efeitos, se processam por meio de búzios, pequenas conchas marinhas que, empunhadas na mão direita do invocador, são lançadas ao centro de um círculo formado, na toalha branca posta numa mesa, de colares de contas, ou "guias", conformemente lhes chamam também. As interpretações das figuras formadas pelas conchas constituem as respostas dos orixás.

Os nagôs e gegês da Bahia dão comida e bebida aos seus orixás individuais, e quando morre um babalaô (ou pai-de-santo ou ainda chefe-de-terreiro) êles colocam na sepultura todos os objetos que lhe pertenceram, ou então os jogam no mar, a fim de que o morto os leve para o outro mundo ou para a África, como o desejar.

Admitem os Umbandistas a existência de elementais, que são sêres que comem e bebem como os homens. Cita-se até um caso de vampirismo, em que um elemental, depois de ter ajudado um quimbandeiro a enriquecer-se, e deixando êste de alimentá-lo, o matou aos poucos, encostando-se-lhe ao corpo e sugando-lhe a vitalidade física.

Dão também consultas... remuneradas, já se vê. Mas há uma receita muito boa de que lançam mão os interessados que não se querem deixar explorar no pagamento das consultas. Ei-la:

— "Aos que, desejando consultar um batuqueiro, não queiram ser explorados, ensinamos proceder assim: Na véspera do dia de consulta, à noite, quando se vai dormir, coloca-se debaixo do travesseiro 3 moedas de um mil réis ou um cruzeiro, as quais servirão para pagar a "consulta". No dia seguinte, em presença do batuqueiro, quando êste já arrumou a toalha, as guias, e empunhou os "búzios", põe-se (sem dizer palavra alguma) as três moedas dentro do círculo de guias. A consulta está paga; e, mesmo que a quantia não agrade ao batuqueiro, por ser pouco "aché" (valor), êste nada mais reclamará na hora, se fôr realmente um "babalaô" ou "filho-de-santo" e não um mistificador ou impostor" (5).

Se práticas tão exóticas podem ser comparadas ao Mediunismo Espírita, melhor será então bandearmos, com mochila e porunga, para as hostes Umbandistas, onde certamente poderemos fazer o que bem nos aprouver:

O Espiritismo é doutrina de compreensão, amor, discernimento. Como poderá alguém querer confundi-lo com as excentricidades Umbandistas?

O que há são confusões entre Umbandismo e Mediunismo — questão esta que por mais de uma vez já foi posta nos seus devidos têrmos — tratou dela o "Unificação", no seu último número, proficientemente — restando-nos apenas dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, no ensinamento do Divino Pastor, que, mais uma vez, há de ter piedade de nós, Umbandistas e Espiritistas, endiabrados ou não...

(a) — **Banto** é o indivíduo da raça dos bantos, raça negra sul-africana, a que pertenciam outrora os negros escravos conhecidos no Brasil como **angolas, cabindas, congos, moçambiques**, etc.

(b) — **Amerindio** é têrmo sugerido pelo Dr. Charles Scott ao geólogo John Powell; emprega-se para a distinção entre o **indio americano** e o **indio asiático**. Quando nos referimos aos nossos índios, podemos também empregar ainda as palavras **amerícola, amerígena** e **ameraba**. **Amerígena** é palavra proposta, em 1886, por Saladino de Guamão, e **ameraba** é neologismo proposto por Henrique George Harley.

(1) — Oliveira Magno, **A Umbanda e seus complexos**, pág. 18, ed. de 1950.

(2) — Deolindo Amorim, **Africanismo e Espiritismo**, pág. 19, ed. de 1947.

(c) — Assim é realmente. Folclórico, porque nos faz conhecer as crenças populares através de canções, provérbios, contos e tradições; etnográfico, porque nos descreve um povo através de sua língua, raça, religião, etc.; etnológico, porque nos informa da cultura material e espiritual de um povo. E' a antropologia cultural.

(3) — **Pontos cantados e riscados da Umbanda**, pág. 13, ed. de 1951.

(d) — Astecas eram o povo que dominava o México quando os espanhóis lá aportaram.

(e) — Toltecas eram tribos que dominavam no México pela mesma ocasião.

(f) — Como se vê, isto é parvoíce grossa. E' um chamamento sem nexo, absolutamente sem sentido. São palavras ôcas, que o vento leva.

(g) — Essas linhas são chefiadas: a do Santo, por Jesus Cristo; a do mar ou iamanjá, pela Virgem Maria; a oriental, por São João Batista; a de oxosse, por São Sebastião; a de Xangô, por São Jerônimo; a de ogum, por São Jorge; e, finalmente, a africana, por São Cipriano. Há pontos cantados para todos êsses chefes. O de Maria, mãe de Jesus, é, entre outros, o seguinte:

Maria, nossa mãe extremosa!
Baixai, baixai como a rosa.
Anda ver nosso povo de Aruanda.
Trabalhando no gongá.
Pela nossa Lei de Umbanda!
Baixai, baixai como a rosa.
Maria, nossa mãe estremosa,
Baixai, baixai como a rosa!

Confessamos que nos causa estranheza o invocar, dessa maneira, o beneplácito de tão Puro Espírito, que precisaria descer das suas alturas infinitas para vir satisfazer a caprichos de macumbeiros, de gente que, para poder pôr-se em comunicação com as entidades do Alto, precisa, via de regra, tomar cachaça, fumar charuto ou levar uma sova à moda de cangaceiro.

Cumpre notar também que a Umbanda está repleta de deuses para tudo. Quando há tempestade ou venta, quem provoca êsse fenômeno natural é a deusa *inhaçã;* quando apenas chove, é a deusa *nanaburucu* quem está em ação; quando aparece o arco-íris, lá está a deusa *oxum maré;* quando nasce uma criança, invocam as parturientes a deusa *ifá*, que é quem as protege das dores do parto.

(4) — Florisbela Maria de Sousa Franco, **Umbanda**, pág. 40, ed. de 1949.

(5) — Emanuel Zespo: "Codificação da lei da **Umbanda**, pág. 46, ed. de 1951.

BIBLIOGRAFIA

Reflejo divino

Com amável dedicatória da Autora, Sra. Dona Isabel A. Díaz de Maranesi, Vice-Presidenta do **Centro de Investigaciones Psiquicas**, de Mar del Plata (Aregentina) recebemos um exemplar do seu livro de poesias **Reflejo divino**, com judiciosa apreciação de Humberto Mariotti, o conhecido autor da obra **Dialética e Metapsíquica**, já traduzida para a vernácula língua pelo nosso confrade Júlio Abreu Filho.

Está de parabens Dona Isabel Maranesi, que no seu livrinho de oitenta e quatro páginas demônstrou muita sensibilidade poética, versando variados temas espirituais de grande alcance moral e tecendo comentários acêrca de assuntos de inegável oportunidade para o coração sedento de fé e para o Espírito ávido de inspiração e conhecimento.

As suas poesias não são devaneio literário: são a expressão de uma crença num presente bom para um futuro melhor. Estão elas repassadas de amenas considerações sôbre questões que interessam ao mais comum dos homens, porque dizem respeito muito de perto à cultura doutrinária de cada um de nós.

Para pequena amostra — visto não dispormos de espaço que nos permitiria então maiores apreciações, como aliás seria de nosso inteiro agrado — transcrevemos abaixo dois setissílabos, colhidos ao acaso:

Lema

Si te desprecian: tú sigue;
Si te calumnian: perdona;
y si la injuria burlona
de continuo te persigue,
no permitas que se abrigue
en ti jamás la venganza.
Así tan sólo se avanza
Ofreciendo al enemigo
tus cualidades de amigo
como prueba de confianza.

Igualdad

Muchas veces se critica
sin comprender qué razón
existe para empañar
o dañar un corazón.

Aferrados a esa idea
de distinta posición,
se desechan a los pobres
sin admitir relación.

Se procura distanciarlos
de las obras en acción,
cerrándoles todo paso
que encumbre su aspiración.

Se todos somos hermanos,
por qué impera la agresión
sobre aquellos que llegaron
desprovitos de esta unción?

Si al rico por su dinero
le entierran con distinción,
adentro de aquella caja
será polvo su ilusión.

Si al pobre por su carencia
le dan humilde cajón,
igual que el rico allí dentro
será polvo del montón.

Los ricos como los pobres
llevan fija la inscripción,
de mortales imperfectos
que llegan para expiación.

A impressão tipográfica estêve a cargo da Libreria **Unidad** J. M. Hidalgo y Cia., daquela cidade platina.

Dezoito anos depois de «A GRANDE SÍNTESE» Pietro Ubaldi procura encerrar a sua Obra

Doze volumes que desenvolvem um tríplice sistema: filosófico-científico-religioso — "Na Plenitude dos Tempos", um livro que desvenda o mistério das profecias — Vivemos o período apocalíptico, fim de um ciclo histórico e início de outro — A nova civilização do terceiro milênio terá por berço o Brasil — A Fôrça da inocência e a vontade da história — Em São Vicente, diante do mar.

Entrevista de IRMÃO SAULO

ESTOU no penúltimo andar de um moderno condomínio, em São Vicente, e tenho diante de mim a figura esguia de um homem que sonha com o futuro. Pela janela vejo o mar. Vejo-o do alto, num sonho, as ondas morrendo em espumas na praia, o dorso crêspo esfumando-se na distância, como um convite. Pietro Ubaldi sorri, e os seus olhos me dão a mesma sensação de ausência e de distância, que vem do mar. E' um homem velho e magro, de aspecto humilde, de uma comovente humildade. Está pronto a me ouvir, como se eu tivesse alguma coisa para lhe dizer, e ninguém descobriria no seu rosto, nos seus olhos, nos seus gestos, na sua atitude, o menor traço do mestre que êle de fato é.

Faz exatamente dezoito anos que Ubaldi concluiu, às 11 horas da noite, em Colle Umberto, Peruggia, Itália, a obra máxima do seu pensamento e da sua paixão, "A Grande Síntese". Foi a 23 de agôsto de 1935. Hoje, essa obra está difundida em quase todo o mundo. Sôbre ela opinaram homens ocmo Einstein, Fermi, Stoppoloni. E Ubaldi, transferindo-se para o Brasil, desenvolve ainda, em livros sucessivos, os grandes temas que estruturam aquela gigantesca sinfonia do Espírito. Nada menos de oito volumes já foram escritos, e mais dois ainda o serão, para que se complete a análise e a exposição do seu tríplice sistema filosófico-científico-religioso, indiscutìvelmente paralelo ao Espiritismo.

As livrarias acabam de expor o último livro de Ubaldi, traduzido para o português, "As Noúres", que explica a sua "técnica de recepção das correntes de pensamento espiritual". Outro livro, "Deus e o Universo", já escrito em italiano, encontra-se em mãos do tradutor. Perguntei-lhe pelo volume que está em elaboração, e Ubaldi me deu o seu título e as linhas gerais do trabalho:

— "Trata-se do décimo primeiro volume, o penúltimo da minha obra. Seu título será "Na Plenitude dos Tempos", com o subtítulo "Panoramas históricos e sociais". Procurarei demonstrar, antes de tudo, que estamos vivendo o período apocalíptico, que nos encontramos, agora, no fim de um ciclo, para o início de outro. Mostrarei a concordância das velhas profecias a êsse respeito, tanto do Apocalipse quanto de Nostradamus, Malaquias, a Grande Pirâmide, Daniel, e as previsões da Astrologia. Mas tudo isso em base racional, de maneira clara, demonstrado como um problema de matemática. Meu livro não conterá símbolos nem mistérios. Aquilo que se encontra nas profecias de maneira velada, será exposto agora aos olhos de todos, com suficiente clareza. Não é sòmente um trabalho de intuição, mas também de inspiração, sob o contrôle do raciocínio".

SETE CAPÍTULOS

— "A primeira parte do livro compõe-se de sete capítulos, a saber: O futuro do mundo, o pensamento e a vontade da História, As três revoluções, A função histórica do Brasil no mundo, Apocalipse I, Apocalipse II, e Profecias. Na segunda parte, que não sei ainda quantos capítulos terá, tratarei das novas formas de vida individual e social que surgirão no mundo, dedicando largo espaço ao problema da reencarnação, sôbre o qual possuo muitas provas. Estabeleço um paralelo entre o Cristo e a Humanidade, para anunciar a nova civilização do Terceiro Milênio. O Cristo ficou no túmulo por dois dias, e no terceiro ressuscitou. A Humanidade, que há dois milênios se encontra nas trevas medievais, despertará e ressuscitará no Terceiro Milênio, para uma vida nova, que é a vida espiritual".

PAPEL DO BRASIL

Interessa-me particularmente o capítulo sôbre o Brasil. Pergunto que função histórica poderá exercer no mundo o nosso país, estraçalhado pelas crises de tôda espécie, e Ubaldi não se perturba. Continua com tranqüilidade, como se eu não o tivesse interrompido:

— "Nessa nova civilização o papel do Brasil será preponderante. Êste grande país será mesmo o berço da Nova Civilização. Tudo o preparou para isso: a fusão de tôdas as raças, o sentimento de bondade e fraternidade que caracterizam o seu povo, e que no fundo é o próprio sentimento evangélico, a sua natural vocação antiguerreira, a sua juventude física e espiritual, a amplitude do seu território e a imensidade dos seus recursos inexplorados. Daqui partirá a luz de uma nova forma de vida para todo o mundo. E essa nova civilização será baseada no Evangelho de Cristo, será a realização do Reino de Deus na Terra, a transformação do texto evangélico em real palpitação de vida".

Ubaldi faz uma pausa para lembrar que a sua tese de formatura, na Faculdade de Direito, foi sôbre os problemas da imigração italiana para o Brasil. E acrescenta:

— "Havia na parede da sala de aula um grande mapa do Brasil, que me encantava. Muitas vêzes eu ficava olhando aquêle imenso país, cruzado de tantos rios, e sonhava com as suas possibilidades. Mais tarde viria descobri-lo e senti-lo em tôda a minha sensibilidade. Sei hoje o que o Brasil representa e por que êle foi resguardado, através dos mais árduos períodos da história humana".

A FÔRÇA DA HISTÓRIA

Insisto na falta de organização em que vivemos, no descontrôle da produção, na esterilidade de nossa vida política, na incapacidade administrativa dos nossos homens, e Ubaldi responde, sereno:

— "O Brasil é inocente, e sua fôrça principal é justamente a inocência. Não é a fôrça bélica, nem a riqueza material, mas a fôrça espiritual que prevalecerá no futuro. Os homens, em geral, podem fazer bem pouco. Quem sempre decide é a História, o que podemos chamar a fôrça da História, ou o pensamento e a vontade da História. Vários nomes podemos dar ao fenômeno: a vontade de Deus, amadurecimento biológico, maturação da vida, plenitude dos tempos. Por trás dos homens e de todos os fatôres visíveis estão as leis da Vida, que tudo dirigem. Veja-se, por exemplo, o que aconteceu a Hitler e à sua Grande Alemanha. Em geral, na história, os grandes homens começam de uma forma, certos de caminhar para determinados objetivos, e acabam de outra, chegando justamente aonde não queriam".

PEIXES NUM RIO

Refiro-me à posição marginal do Brasil, no mundo de hoje, em face das grandes fôrças que se preparam para decidir os rumos da História. Ubaldi continua, com a firmeza de quem sabe o que está dizendo:

— "Estudo, no meu livro, a forma por que será resolvida a luta entre Comunismo e Capitalismo, o que essa luta significa e por que ela se desenvolve. — Sorri, e me olha de frente. — Nem a Rússia nem os Estados Unidos, Capitalismo ou Comunismo, será o vitorioso. Todo o mundo se prepara, todo êle se arma para a guerra. E vencerá justamente aquêle que não está cuidando de armas nem de guerra, que não precisa de nada disso, porque é o império de si mesmo e tudo possui dentro de suas imensas fronteiras. Os homens e os países são como os peixes num rio. As águas da História correm para onde querem, e os peixes têm liberdade, mas dentro das poderosas correntes do rio".

"CRISTO", O ÚLTIMO LIVRO

Chegamos ao fim da entrevista, e pergunto a Ubaldi pelo seu último livro, aquêle que será, segundo as suas próprias palavras, o coroamento da sua obra.

— "O meu décimo segundo livro terá um título que fala por si mesmo. Apenas uma palavra: "Cristo". Mas não será a vida de Jesus, e sim a história do seu pensamento, o "por quê" de tudo o que Êle fêz e ensinou. Com êsse livro concluirei a minha obra. Depois, provàvelmente, escreverei novos volumes, que serão de simples comentários sôbre o que me foi dado sentir, captar e exprimir, nessa série de doze livros em que ofereço aos homens a minha solução dos problemas da Vida".

"LA IDEA"

La Idea, importante órgão espírita de Buenos Aires (Argentina) no seu número de julho do ano em curso, pronunciou-se a respeito do nosso jornal. Eis as suas palavras:

"SAN PABLO. — Brasil. Cumpliendo con uno de los propósitos que se asignaran en su III Congreso, la USE, o sea Unión de las Sociedades Espíritas del Estado de San Pablo, tal como lo informáramos en su oportunidad, ha lanzado a la consideración pública su órgano periodístico, que lleva por título "Unificación".

Consta esta publicación de ocho páginas, en tamaño "tabloid", con una presentación tipográfica muy atrayente y un material literario de mucho valor. En la portada aparece la efigie del maestro Kardec, a regular tamaño, además de una nota anunciando el programa de acción de esa organización periodística que responde a un amplo panorama de extensión espírita. En las páginas interiores hemos podido leer muy interesantes colaboraciones y la transcripción, en forma de folletín, del texto de un libro de Canuto Abreu, próximo a aparecer, en donde podrá apreciarse — en estilo novelado — la historia de "El Libro de los Espíritus", que a estar con los primeros capítulos publicados, ha de ser éste todo un éxito de librería y un gran acierto literario. Merece destacarse, además, una sección para los niños, que está a cargo de la profesora Luisa Pessanha C. Branco, donde además de hacer literatura de ese tipo, se designa un espacio a entretenimientos propios de tales lectores. Una serie bien documentada de noticias cierra el conjunto armónico de su material.

Bienvenido a la palestra del periodismo, hermano de acción, le decimos a "Unificación" y a sus dilectos sostenedores, en nombre de "La Idea" y de la Confederación Espírita Argentina".

Agradecidos pela amável referência.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:
J. Herculano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
João Teixeira de Paula
Abrahão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946 São Paulo

Assinatura anual ..... Cr$ 20,00
Número avulso ..... Cr$ 2,00

PARA AS SOCIEDADES ESPÍRITAS:
Desconto de 25% para 20 exemplares ou mais.

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas fôlhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRÁFICA EDITÔRA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo